



Eixo
Étnico-Racial
nas medidas
socioeducativas

Benjamim Campos Silva
Márcia Aparecida R. Saúde



*Eixo
Étnico-Racial
nas medidas
socioeducativas*

Origens Africanas

Cores e Crenças

Julgamento Histórico

Nome e Identidade

Racismo, Preconceito e Discriminação

Saúde: os agravantes da cor da pele

Procurando Caminhos

Projetando o Futuro

Benjamim Campos Silva
Márcia Aparecida R. Saúde

José Serra
Governador do Estado de São Paulo

Luiz Antonio Guimarães Marrey
Secretário da Justiça e da Defesa
da Cidadania

Berenice Maria Giannella
Presidente da Fundação CASA

Maria Eli Colloca Bruno
Diretora Técnica

Marisa Fortunato
Superintendente Pedagógica

Penha Lúcia Valério Ramos
Coordenadora do Comitê Institucional
Quesito Cor

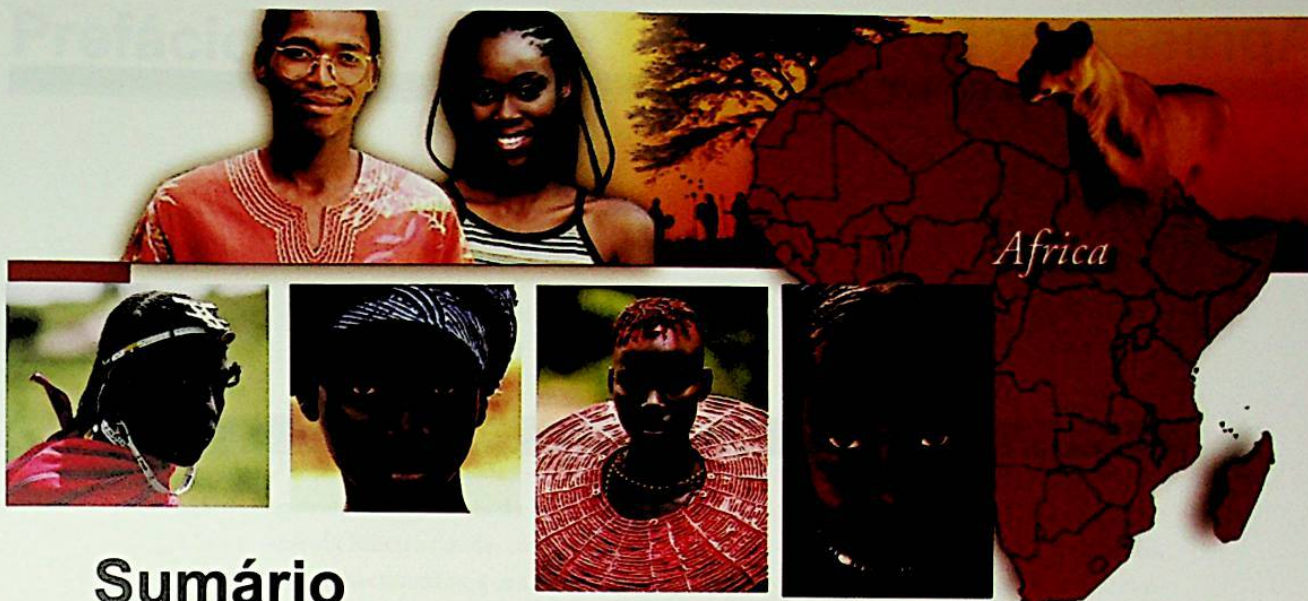
Autores

Benjamim Campos Silva

Agente educacional da Fundação CASA/NAI São Carlos.
Bacharel e professor licenciado em História pela Unesp – Campus de Franca/SP.
Mestrando em Sociologia pela UFSCar.

Márcia Aparecida Ribeiro Saúde

Agente educacional da Fundação CASA e responsável pelo setor pedagógico do
NAI São Carlos.
Professora licenciada em Geografia pela Unicep – São Carlos/SP.



Sumário

<i>Apresentação</i>	04
<i>Prefácio</i>	05
<i>Agradecimentos</i>	06
INTRODUÇÃO	08
ORGANIZAÇÃO	09
OFICINA 1 (ORIGENS AFRICANAS)	10
OFICINA 2 (CORES E CRENÇAS)	12
OFICINA 3 (JULGAMENTO HISTÓRICO)	14
OFICINA 4 (NOME E IDENTIDADE: UM ACRÓSTICO PARA...)	16
OFICINA 5 (RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO)	18
OFICINA 6 (SAÚDE: DISCRIMINAÇÃO NO ATENDIMENTO)	20
OFICINA 7 (PROCURANDO CAMINHOS)	22
OFICINA 8 (PROJETANDO O FUTURO)	24
FICHA 1	26
FICHA 2	28
FICHA 3	30
FICHA 4	31
FICHA 4A	33
FICHA 5	34
ILUSTRAÇÕES	36
SUGESTÕES DE OUTROS RECURSOS PEDAGÓGICOS E PESQUISAS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

Apresentação

Dever cumprido

É com orgulho e senso de dever cumprido que lançamos – à frente das demais instituições socioeducativas do País – este caderno de atividades que auxiliará nossos funcionários, colaboradores e adolescentes nos trabalhos cada vez mais importantes sobre o eixo étnico-racial.

Esta publicação é fruto de um processo coletivo de construção de políticas que visam o estabelecimento, na instituição, de mecanismos voltados ao debate sobre a integração – não apenas a racial, mas a de todos os segmentos que compõem a heterogênea sociedade brasileira.

A integração e a perspectiva da tolerância entre os “diferentes” – nos campos racial, religioso e de gênero, dentre outros – tem sido a tônica da Fundação CASA. Afinal, não se pode conceber, à luz dos avanços democráticos e dos direitos observados nos últimos tempos, que sujeitos (adolescentes, funcionários e colaboradores) sejam discriminados ou tenham tratamento desigual em função destas características. Pelo contrário, são estas “diferenças” – e aqui uso aspas porque não devemos tratar tais características neste sentido semântico – que enriquecem a cultura e dão substância e graça à formação de uma nação como a brasileira.

No que tange ao eixo étnico-racial, um instrumento preconizado pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, a Fundação CASA vem agindo na vanguarda, desde a criação, em novembro de 2006, do Comitê Institucional Quesito Cor.

Foi por conta deste grupo, que reúne funcionários dedicados à promoção da igualdade e à discussão da questão racial, que chegamos a este caderno, que permitirá um salto de qualidade em nossas políticas de atendimento.

Berenice Maria Giannella
Presidente da Fundação CASA

Prefácio

Sabedoria é o que ajuda a atravessar o oceano. Assim ensina o provérbio nigeriano. O Caderno de atividades – *Eixo Étnico-Racial nas Medidas Socioeducativas*, fruto do trabalho dos agentes educacionais da Fundação CASA/NAI São Carlos, Benjamim Campos Silva e Márcia Aparecida Ribeiro Saúde, com os jovens com quem compartilham, no dia a dia, desafios, inquietudes e conhecimentos, é um instrumento para atravessar um oceano de superações, confiança, esperança, e também de contrariedades, contradições, dificuldades. Sem pretensões e com a tranquilidade e cuidado que requer uma tessitura, este material foi sendo construído no tear da convivência e intercâmbios entre os agentes educacionais e os jovens a quem lhes cabe orientar, apoiar. Muitos foram os fios palpáveis que se estenderam no tear, oriundos de livros e de meios de comunicação, de experiências vividas e observadas, de histórias lidas e ouvidas, dos gestos de alegria, contrariedade, desconforto, confiança dos jovens – companheiros e objetivo do trabalho dos educadores –, e também da crítica de estudiosos e de militantes de movimentos sociais, notadamente do Movimento Negro. Uma lançadeira invisível, esculpida de conhecimentos, sentimentos, emoções, expectativas, mas também, por que não dizer, de preconceitos e discriminações, foi entrelaçando os fios. Dessa forma hoje temos em mãos uma bela tessitura, ao mesmo tempo rústica e deslumbrante. Talvez se encontre ponto frouxo ou escapado e depois entrelaçado desajeitadamente. Como toda obra humana, é sempre possível refazer, aperfeiçoar e, assim, ir construindo e aperfeiçoando a sabedoria, mencionada pelo provérbio nigeriano, que auxiliará a atravessar o oceano. O oceano do respeito, do direito à vida digna, à identidade étnico-racial, à educação das relações étnico-raciais.

Com este material, os educadores Benjamim e Márcia e os jovens com quem trabalham, com o apoio das coordenadoras do Comitê Estadual Quesito Cor da Fundação CASA, sras. Penha Valério Ramos e Francisca Silva, e da coordenadora do Comitê Quesito Cor da Divisão Regional Norte, sra. Maira Lúcia Marconato Barbosa, estão cumprindo com zelo e competência as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, conforme o Parecer CNE/CP 3/2004 e a Resolução CNE/CP 1/2004.

Concluo esta apresentação com a expectativa de que todos que lerem, analisarem, estudarem e aplicarem as atividades aqui sugeridas se sintam interpelados a lutar por uma sociedade verdadeiramente democrática, porque justa, capaz de valorizar a diversidade étnico-racial e as condições sociais de mulheres e homens de todas as idades que a compõem.

São Carlos, outubro de 2008
Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Professora titular de Ensino-Aprendizagem – Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/UFSCar; coordenadora do Grupo Gestor do Programa de Ações Afirmativas/UFSCar; conselheira, mandato 2002-2006, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

Quando o trabalho é desenvolvido com a colaboração e participação de muitas pessoas, os agradecimentos ficam difíceis de fazer, pois corremos o risco de cometer injustiças irreparáveis. No entanto, mesmo com a possibilidade de sermos cobrados no futuro, é inevitável que agradeçamos aos nossos colaboradores e entusiastas, a começar pelo ex-diretor do NAI, sr. José Luiz Arcerito, que, além de acreditar plenamente na realização deste trabalho, nos deu total liberdade – sem nenhuma restrição – para todas as etapas na elaboração deste caderno de atividades; a todos os profissionais colaboradores de trabalho do NAI, principalmente aos agentes de apoio técnico – em especial o agente Alexandre Barbosa que inicialmente colaborou na edição de imagens – que, por assumirem todo o trabalho com os adolescentes por várias vezes, foram fundamentais nos momentos de estudos; ao então chefe de seção de Combate ao Racismo da Prefeitura de São Carlos, Paulo C. Ramos, aos militantes do Movimento Negro de São Carlos e Região, Anderson Morfy e Júlio J. Ghetho, pelos intensos debates e orientações na fase inicial de elaboração; à professora e militante Sandra Navascues, nossa gratidão pelas importantes orientações sobre religiosidade africana; à professora e pesquisadora dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, pela gentileza em nos orientar em várias discussões e prefaciá-lo este caderno; aos pesquisadores e alunos do programa de pós-graduação em Educação da UFSCar, a doutoranda Regina Marques Parente e o graduando Augusto César Pedro, pela revisão teórica e conceitual; à professora coordenadora de oficina pedagógica da Diretoria Regional de Ensino de São Carlos, Débora Scapim, pela revisão gramatical e ortográfica; ao pesquisador do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros - Neab, da Universidade Federal de São Carlos, presidente do Conselho Municipal da Comunidade Negra e atual chefe de seção de Combate ao Racismo de São Carlos, Dener Silveira, que colaborou na fundamentação teórica; à direção e às professoras da Escola Vinculadora “Escola Estadual Ludgero Braga” – em especial à professora Regina Elizabeth Bustamante que atua no NAI – pelas inúmeras ideias de textos e livros de atividades; à dirigente Regional de Ensino de São Carlos, Débora Gonzalez Costa Blanco, e à professora





coordenadora da oficina pedagógica da DRE São Carlos, Rita de Cássia Marino, pelo apoio institucional; ao então coordenador de Orçamento Participativo e atual secretário de Gestão e Planejamento de São Carlos, sr. Rosoé Francisco Donato, pelo apoio nas diversas impressões experimentais; à agente técnico e representante do Comitê Regional Quesito Cor da DRN, sra. Maria Lúcia Marconato Barbosa, por nos apoiar incondicionalmente; ao diretor regional de divisão, sr. Roberto Damásio, que não mede esforços em nos apoiar; à representante do Comitê Estadual Quesito Cor da Fundação CASA, Francisca Silva, por nos dar incentivos, e à nossa coordenadora estadual, sra. Penha Valério Ramos, nossa principal articuladora na realização deste trabalho; à superintendente pedagógica da Fundação CASA, sra. Marisa Fortunato, por garantir a materialização deste caderno de atividades no âmbito da Fundação CASA; e à nossa presidente, dra. Berenice Maria Giannella, pelo total apoio institucional. Não poderíamos deixar de agradecer também aos nossos adolescentes, todos sem exceção, que muito nos incentivaram nas experimentações que fizemos das oficinas durante os anos de 2008 e 2009 em São Carlos. Muitos deles, inclusive, nos deram sugestões de adaptações importantes para a versão final deste trabalho. E, por fim, a você, educador, por acreditar que podemos – todos nós! – construir uma sociedade cujos sonhos coadunam com os de Luterking: “viver em uma sociedade onde nenhum homem jamais será julgado em função da cor de sua pele”.

Benjamim Campos
Márcia Aparecida R. Saúde

“Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo de nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã.(...) Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental”. (MUNANGA, 2005, p. 17-18).

Introdução

Corroborando com a percepção que pesquisadores e militantes das temáticas étnico-raciais no Brasil possuem em relação às dificuldades que o ensino formal ainda apresenta em romper com as bases epistemológicas ocidentais – que têm como fundamento ideológico a reprodução da cultura européia –, nosso desafio, enquanto educadores de uma instituição que cuida de adolescentes que carregam – na sua maioria – em suas trajetórias de vida marcas profundas de exclusão social é, acima de tudo, inserir em nossa proposta pedagógica temáticas que dêem conta de, pelo menos, permitir o debate sobre a relação que as questões étnico-raciais no Brasil estabeleceu com a situação de risco social dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas.

Diante disso, partimos de dois instrumentos para a elaboração deste caderno: um referencial teórico (pesquisas de vários autores dessa temática) e outro metodológico (Projeto Educação e Cidadania /Cenpec).

O referencial teórico objetiva dar fundamentos conceituais que contribuem com a inserção das temáticas étnico-raciais nos processos de formação tanto dos educadores quanto dos adolescentes. Os textos utilizados têm a função de dar subsídios argumentativos aos educadores que, evidentemente, devem utilizá-los na aplicação das atividades deste caderno.

As oficinas culturais desenvolvidas estão circunscritas na proposta pedagógica do Projeto Educação e Cidadania que compõe a Coleção Educação e Cidadania, elaborada pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec, que “se insere num amplo movimento de encaminhamento de ações para cumprir o previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, que determina a implementação de ações educativas a adolescentes em situação de risco social. Essa determinação tem como base o respeito à condição de pessoa em desenvolvimento, o reconhecimento de que todo ser humano tem possibilidade de se transformar, dependendo das oportunidades que lhe são oferecidas, e de que interessa à nação inserir esses jovens num contexto social que possam exercer plenamente a cidadania”. E, em se tratando de adolescentes que geralmente já carregam dificuldades e defasagens no aprendizado, nossa tarefa torna-se ainda mais desafiadora. É, no entanto, “fundamental buscar alternativas e oferecer-lhes novas oportunidades” de acesso ao conhecimento, “tendo a ética como princípio básico e a cidadania como conteúdo formador, afirmando o respeito à diversidade humana e criando condições de desenvolvimento pessoal de todos”.



Organização

As abordagens das várias temáticas do recorte étnico-racial, que trabalharemos nas oito oficinas aqui propostas, são formuladas na orientação metodológica dos cadernos de atividades da Coleção Educação e Cidadania. Quando não, com os devidos créditos, algumas oficinas são adaptações de algumas atividades dos cadernos de atividades do PEC, complementadas e apoiadas por outras propostas de dinâmicas da *Coletânea Aprendendo a Ser e a Conviver* e do livro *Jogos Cooperativos*.

As oficinas se inserem em três eixos temporais contextualizadores do nosso processo histórico: de onde viemos (oficinas 1, 2 e 3), onde estamos (oficinas 4, 5 e 6) e para onde vamos (oficinas 7 e 8).

Cada oficina se organiza da seguinte forma: texto introdutório, aquecimento, atividade, fechamento, box verde e pesquisa. Para cinco oficinas (1, 2, 3, 5 e 8), montamos fichas e encartes complementares às atividades.

Os textos introdutórios são reflexões teóricas e pesquisas de autores que já possuem importantes acúmulos nas temáticas que envolvem o recorte étnico-racial.

Os aquecimentos são atividades introdutórias (geralmente dinâmicas de grupo ou oficinas culturais mais curtas) de abordagens lúdicas, que objetivam preparar o campo para a atividade principal.

As atividades (oficinas culturais) que, articuladas com os textos introdutórios e as dinâmicas dos aquecimentos, permitem a introdução – tanto objetiva quanto subjetivamente – de temáticas das relações étnico-raciais que contemplam os três eixos temporais: de onde viemos, onde estamos e para onde vamos.

Os boxes verdes contêm informações complementares das dinâmicas (aquecimentos) e das oficinas culturais. Alguns deles precisam ser reproduzidos.

Os fechamentos são sugestões de registros das atividades e devem ser realizados para dar complementaridade e visibilidade às atividades do dia.

As fichas das oficinas 1, 2, 4, 5 e 8 são espaços também de informações complementares e realização de suas respectivas atividades. A oficina 5 ainda traz uma ficha de aquecimento. As oficinas 2 e 8 contêm encartes que complementaram a realização de suas respectivas atividades.

Ao final de cada oficina, tem uma caixa de texto intitulada “Pesquisa”, que sugere livros e materiais didáticos com textos e atividades relacionadas ao recorte étnico-racial.

É importante que você leia atentamente cada oficina (principalmente os textos introdutórios), prepare antecipadamente com todo cuidado o material sugerido para a aplicação das dinâmicas (aquecimentos) e das atividades de oficinas culturais. Se possível, pesquise outras fontes complementares, pois, por fazer parte da história e das vivências nas Unidades da Fundação CASA, as temáticas étnico-raciais não se esgotam apenas com as atividades propostas neste caderno.

Oficina 1

Origens Africanas

Material necessário: papel para desenho, lápis ou caneta, borracha, ficha 1, mapa-múndi, cartolinas, lápis de cor, canetinhas coloridas, régua.

O centenário da Lei Áurea em 1988 “suscitou uma significativa revisão historiográfica e das ideias nos meios acadêmicos, especialmente nas áreas das ciências humanas, da educação e na ação político-cultural das entidades negras.(...) Entretanto, uma série de outras relacionadas à tentativa de traçar um novo perfil do papel das culturas africanas e do negro brasileiro na formação do País continua merecendo ação e carecendo de investigação e conhecimento. Uma das mais notórias aponta para uma educação multicultural, na qual seja possível o exercício da diversidade étnica, cultural e religiosa, sobretudo. Nesse contexto, estabelecer e reconhecer novas perspectivas educacionais para uma compreensão do papel do tráfico, da escravidão e da diáspora africana como elementos formadores da configuração do mundo contemporâneo constitui pressuposto básico para traçar um novo perfil do papel das culturas negras na formação do Brasil. Não podemos perder de vista que entre os principais entraves ao desempenho do negro brasileiro na sociedade brasileira se destaca a inferiorização deste na escola, pois, historicamente, tanto a educação brasileira quanto nossos meios de comunicação social têm funcionado como espécies de segregadores informais. Na tentativa de superar algumas deficiências estruturais no Brasil, detectadas no sistema de ensino da geografia da África e nos conteúdos geográficos do território brasileiro com registros discriminatórios e omissões referentes ao papel das culturas africanas na formação do País, e reconhecendo que existe um profundo vínculo entre a base geográfica e os eventos históricos que nela se desenrolaram e lhe sentiram influência, o território africano, componente fundamental para a compreensão mais apurada das questões que envolvem o papel da cultura negra na sociedade brasileira, não pode deixar de ser entendido como um espaço produzido pelas relações sociais ao longo de sua evolução histórica”. (ANJOS, 2005, p. 173-174).

Nessa perspectiva é de imperativa importância reconhecer as inúmeras contribuições que negros escravizados deram à formação do Brasil, principalmente no campo econômico, que, geralmente, é atribuído ao desbravador português nos séculos XVI a XIX e, posteriormente, aos imigrantes europeus



na virada do século XIX para o XX. Nossos antepassados africanos trouxeram uma bagagem de conhecimentos milenares que foram fundamentais para o desenvolvimento dos ciclos da cana-de-açúcar, da mineração e do café. “Nos séculos XIV e XV, o Império de Songai (Mali) já havia desenvolvido técnicas de plantio e irrigação por canais que foram trazidas para o Brasil por negros escravizados. Entre os séculos IV e XI, o Império de Gana era conhecido como o Império do Ouro. Seu povo dominava técnicas de mineração e usava instrumentos como a bateia, importante para o avanço da mineração no Brasil. A civilização iorubá, desenvolvida a partir do século XI, já dominava técnicas de olaria, tecelagem, serralheira e metalurgia do bronze. O Reino do Congo era especialista em forjar ferro e cobre para a produção de ferramentas ainda no século XVI.” *Nova Escola On-line-África de todos nós.*

Aquecimento

Dinâmica: TELEFONE SEM FIO

Em coluna, o último participante deverá fazer um desenho com seu dedo nas costas do colega que está à frente. Este passará o mesmo desenho para o próximo da coluna até chegar ao primeiro, que deverá desenhar em uma folha de papel e apresentá-lo aos colegas. Proponha uma discussão sobre o resultado final dos desenhos e quais impressões cada um teve ao repassar o desenho feito em suas costas. Observe se houve modificações no desenho final e debata que cada um interpreta à sua maneira os movimentos feitos nas costas.

Objetivos: criatividade / percepção / cooperação.

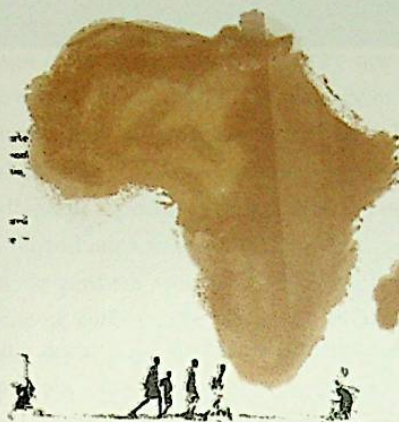
(AMARAL, 2004, p. 48)

Atividade

Distribua a ficha 1 e, com os adolescentes, leia o texto para que respondam as questões propostas. No verso, peça que pintem o espaço de fundo branco do mapa onde localizavam geograficamente as etnias nagôs e bantas, de onde saiu a maioria dos negros que veio escravizada para o Brasil. É importante que o educador explore a vasta quantidade de palavras de origens africanas que compõem nossa língua e as associe com as localizações geográficas que os adolescentes coloriram em seus mapas. A partir da associação origem étnica e espaço geográfico, discuta com os adolescentes outras influências desses dois troncos étnicos na nossa formação econômica e cultural (religiosidade, gastronomia, musicalidade, linguagem, economia etc.).

Fechamento

É importante que sejam expostos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Para isso, sugira que reproduzam em grupos de até quatro participantes a cópia em tamanho maior de um dos mapas que fizeram. Disponibilize cartolinas ou papel maior e o material necessário para desenho cartográfico que deverá ficar exposto na Unidade.



PESQUISE

Superando o Racismo na Escola é uma coletânea organizada pelo pesquisador KABENGELE MUNANGA, que traz 11 trabalhos de pesquisadores de relações étnico-raciais no Brasil.

O Dicionário Novo Aurélio Séc. XXI traz em seus verbetes as origens linguísticas de todas as palavras. Em muitas palavras portuguesas são citados inclusive dialetos africanos originários. Ex.: caçula: (Do Quimundo KASULE). O mais moço dos filhos.

O blog www.marco polo.pro.br/história/afr_HoloInf.htm tem disponível o texto História da África – Holoceno Inferior que discorre sobre o desenvolvimento econômico de várias culturas no continente africano antes da presença do homem europeu.

Palavras do nosso Português de origens africanas (alguns exemplos):

ORIGENS

Nagôs (da Nigéria, Benin e Togo)

Bantos (de Angola, Congo, Moçambique, Zimbábue etc.)

Língua banta

VOCÁBULOS

Orixá, Ogum, Iemanjá, Exu, candomblé, vatapá, abadá, mocotó

caçula, banda, lambada, bunda, umbanda, macumba, ginga, tanga, fubá, bazuca, maxixe, mala, samba.

Oficina 2

Cores e Crenças

Material necessário: ficha 2, encartes de 1 a 6, caneta, lápis, borrachas, papel para desenho, canetinha colorida, lápis de cor, telas (tecido), tintas, pincéis e papel carbono.

“Os estudiosos atuais sustentam que a arte abstrata (representação da ‘ideia’ que o artista tem do objeto ou da pessoa) se encontra, há séculos, em toda a expressão da arte negro-africana: indumentária, utensílios, mobiliário, habitação, máscaras, pinturas, tatuagens, desenhos, tecidos, artesanato etc. Em outras palavras, o que no Ocidente era considerado uma inovação artística, já era produzido há centenas de anos pelos africanos, cuja arte, no entanto, continuava a ser vista pelos europeus como primitiva e inferior.

Nos dias atuais, o preconceito dominante ainda vê o artista negro brasileiro como ‘primitivo e ingênuo; é grande a barreira que o artista plástico negro encontra para impor-se no mercado brasileiro.’ (SILVA, 2005, p.125-126)

A articulação entre o desenvolvimento de uma atividade artística com os valores e crenças presentes na cultura religiosa de nossos antepassados africanos permite colocar, em nosso meio, reflexões acerca dos preconceitos que os dogmas de nossa formação cristã Ocidental têm em relação às religiões de matrizes africanas. Precisamos entender que “é possível superar algumas incompreensões que se sedimentaram ao longo da história e inviabilizaram o respeito à religiosidade negra. Queremos afirmar que é possível tratar do assunto dentro de um processo cognitivo que não ponha em risco o caráter laico da escola pública”. (SILVA, 2005, p. 124)

Tratar dessa temática numa perspectiva universalista, em que as religiões de matrizes africanas sejam colocadas no campo da diversidade que contradiz a escala de valores das crenças, exige mais que um esforço de superar os preconceitos e a intolerância religiosa. É, acima de tudo, uma postura de intransigência que objetiva colocar no mesmo patamar a religiosidade africana e a Ocidental.



Aquecimento

Dinâmica: LÁPIS DE LÃ (adaptação)

Distribua aos participantes um novelo de lã e uma tesoura. Depois, solicite que formem figuras, letras ou palavras que tenham alguma relação com religiões ou crenças.

Objetivos: percepção / criatividade/ cooperação organização / comunicação.

(AMARAL, 2004, p. 77)

Observação: não interfira no desenvolvimento do aquecimento. Após formarem figuras, letras ou palavras, se houver alguma manifestação sobre religiões de matrizes africanas (Candomblé, Umbanda etc.), valorize. Se não, provoque discussões sobre essas religiões e questione por que elas não apareceram na atividade.



PESQUISA

1 - A apostila de atividades escolares nº 6 Artes Cênicas e Visuais, do PEC (Oficina nº 11 – Máscaras) traz, nas páginas 27 e 28, importantes considerações sobre tradições culturais em que o uso de máscaras sempre esteve presente. A oficina “Cores e Crenças” que você aplicou pode ser adaptada em atividades artesanais de confecção de máscaras.

2 - A revista Planeta (nº 1 – Editora Três) apresenta uma comatéria completa sobre cultos afro-brasileiros.

Atividade

Aproveite o aquecimento ao lado como entrada para a realização da atividade. Discuta com os adolescentes a importância de conhecermos outras religiões para respeitá-las como legítimas manifestações de crenças, valores e tradições.

Esta oficina, que será realizada em duas etapas, consiste na pintura em tela das figuras e cores de entidades (Orixás) representativas do Candomblé. Na primeira etapa, distribua a ficha 2 e leia com os adolescentes os textos que acompanha cada figura. Depois, solicite que cada jovem escolha um ou dois orixás, distribua os modelos dos encartes de acordo com as escolhas e peça para cada um colorir seus Orixás com fidelidade às cores dos mesmos como estão na ficha 2. Após realizarem a primeira etapa, fale aos adolescentes que eles irão reproduzir um de seus desenhos (escolha livre) em uma tela de pintura (tecido). Distribua o material (telas, tintas, pincéis, carbonos) e solicite aos adolescentes para reforçar os contornos do desenho escolhido sobre um carbono em cima da tela (é importante que o desenho, o carbono e a tela estejam bem fixados uns aos outros – use fitas adesivas). Após a reprodução total dos contornos do desenho na tela, é só pintar o Orixá como ele está no papel. Depois de dois dias de secagem, sugira aos adolescentes presentear amigos ou parentes com suas obras de arte. Não esqueça de fotografar.

Observação:

1. O Candomblé reverencia vários Orixás, sendo eles: Ewa, Exu, Iansã, Iemanjá, Logun, Obá, Obaluaê, Ogum, Ossãe, Oxalá, Oxossi, Oxum, Oxumarê, Nanã, Tempo, Vunji e Xangô. Mas, nesta atividade, trabalharemos apenas seis que representam os dias da semana, sendo eles: Exu (segunda-feira), Ogum (terça-feira), Xangô (quarta-feira), Oxossi (quinta-feira), Oxalá (sexta-feira) e Iemanjá (sábado).
2. Ao pintar as telas, não esqueça de sugerir aos alunos que coloquem os nomes e dias da semana dos respectivos Orixás.
3. As cores dos Orixás também são muito significativas na tradição do Candomblé, por isso exija fidelidade às figuras dispostas na ficha desta oficina.

Oficina 3

Julgamento Histórico

Material necessário: papel, lápis, canetas para anotações.



Identidade Negra

“A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir sobre identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão interligadas e se constroem na vida social.”

Enquanto sujeitos sociais, é no âmbito da cultura e da história que definimos as identidades sociais (todas elas e não apenas a racial, mas também as de gênero, sexuais, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias.

Assim como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades em que se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente o processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece.

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar a si mesmo é um desafio encontrado pelos negros e pelas negras brasileiros(as).

(GOMES, 2005, p. 42-44)

Aquecimento

Dinâmica: VALORES – CONCORDO/DISCORDO

Objetivos: Discutir preconceito e discriminação racial; expressar valores e crenças.

Material: dois cartazes (um com a palavra “concordo” e no outro, “discordo”) e fita crepe.

Desenvolvimento

1. Os cartazes (Concordo – Discordo) são colocados em lados opostos da sala.
2. Grupo no centro da sala, em pé.
3. O facilitador explica que lerá várias afirmações, uma por vez, e que a cada afirmação os participantes deverão manifestar sua concordância ou discordância ao que está sendo lido, dirigindo-se para o cartaz adequado. Peça que ouçam atentamente cada frase. Leia-as duas ou mais vezes antes de eles se posicionarem.
4. Afirmações

- I) Por ser mais bonito, o jovem de cor clara tem mais facilidade de arrumar um bom emprego sem terminar o 2º grau.
- II) Numa família, o homem deve ser responsável pelo suporte financeiro.
- III) Não há maneira de planejar a própria vida, uma vez que isso é tarefa do destino.
- IV) Os adolescentes não devem ter filhos.
- V) Todas as religiões têm o mesmo valor.
- VI) Os negros enfrentam mais dificuldades que os brancos.
- VII) Os escravos precisavam ser castigados porque eram violentos ou preguiçosos.
- VIII) Negro de canela fina é mais trabalhador que os outros.
- IX) As entidades de culto-afro têm o mesmo significado dos santos católicos.
- X) A cor da pele influenciará na inteligência.
- XI) Candomblé e Umbanda não são crenças e práticas religiosas do bem.

5. Plenário
 - a) Discutir as concordâncias e discordâncias referentes a cada afirmação.
 - b.) Problematizar as afirmações que sugerem preconceito e discriminação.
 - c.) Discutir as afirmações colocando-as como questões históricas e sociais.

Importante: o facilitador deve estar atento para os conflitos surgidos, buscando ponderar com o grupo valores e opiniões

divergentes, mitos e tabus, discriminações e preconceitos que eventualmente possam surgir nas discussões, encontrando, dessa forma, as saídas necessárias.

Adaptação (SERRÃO, M., BALEIRO, M.C., 1999, p.128)

Atividade

Diga que o grupo irá representar um julgamento de ações violentas efetuadas por negros escravizados contra os seus senhores e aliados na época da escravidão no Brasil. Muitos negros escravizados chegavam até a matar seus senhores, colocavam fogo nas fazendas, realizavam atos de sabotagem nas plantações, matavam animais como cavalos, bois, porcos etc., como forma de se rebelarem contra a humilhante situação de escravos a que eram submetidos à base de severos castigos, como as chibatadas no tronco e os grilhões. Esses negros eram vistos pela sociedade escravocrata como rebeldes e criminosos.

Os adolescentes deverão fazer um exercício para tentar imaginar como pensavam e agiam as pessoas daquele tempo, que consideravam a posse de escravos como um direito natural e, ao mesmo tempo, colocar-se na pele dos defensores dos cativos, que condenavam a violência do sistema escravista. O corpo de jurados também deverá apresentar argumentos e se posicionar.

Peça para cada grupo apresentar sua argumentação.

1. O grupo de acusação deve apresentar o relato do que o réu (um escravo ou um grupo de escravos violentos) fez e, com base nos argumentos, pedir uma condenação.
2. a defesa deverá argumentar com elementos (a condição de escravizados) que atenuem ou justifiquem os atos dos escravos rebeldes.
3. o corpo de jurados, juntamente com o juiz, deverá levantar os critérios para julgar o/os réu/s.

Disponha cadeiras formando um "U" com os grupos de acusação e defesa de frente um para o outro e o juiz, juntamente com o corpo de jurados, ao meio. Lembre que ambos podem convocar "testemunhas". Durante o julgamento, o juiz e o corpo de jurados podem anotar o que ouvem para determinar o veredicto. Diga-lhes que devem julgar com base nos argumentos apresentados pelos dois lados, e não suas eventuais opiniões.

Se houver tempo, faça outros julgamentos da mesma história com a inversão dos papéis dos participantes.

Fechamento

Os adolescentes, em círculo, conversam sobre o que sentiram e perceberam durante o julgamento. Levante com eles como foi a experiência de fazer um julgamento histórico de uma situação que muitos ainda desconhecem. Pergunte em que pensaram durante essa tarefa, qual foi a estratégia que elaboraram. Como foi confrontar os argumentos de outro grupo? O que tiveram de improvisar durante a argumentação?

Nessa atividade, é importante assinalar que ninguém é "bom" ou "mal". As pessoas têm diferentes características e podem dar respostas positivas e humanizadas, mesmo num contexto adverso, como era o da escravidão. Cuidado com discursos moralizantes. Procure antes problematizar as questões que eles levantarem e não deixe de salientar as diferentes posições que tomaram.

Adaptação (PEC- Projeto Educação e Cidadania. Módulo de Atividades Escolares 15/Ponto de Encontro, p.19-20)

VALORIZE O ARGUMENTO

O importante nessa atividade não é o veredicto, mas a argumentação. Nesse trabalho, podem ser lembradas a força das palavras e a beleza que pode conter um discurso argumentativo, elementos de uma oralidade tão valorizada na tradição afro. Mas todo cuidado é pouco quando lidamos com temas dessa natureza, pois eles remetem à nossa vida de hoje, ao mundo de exclusão, de preconceito e discriminação racial e de violência social que vivemos.



PESQUISA

O site www.acordacultura.org.br disponibiliza vários materiais pedagógicos (oficinas, livros, CDs, DVDs e várias outras publicações) que são importantes recursos pedagógicos e culturais que abordam questões étnico-raciais.

Oficina 4

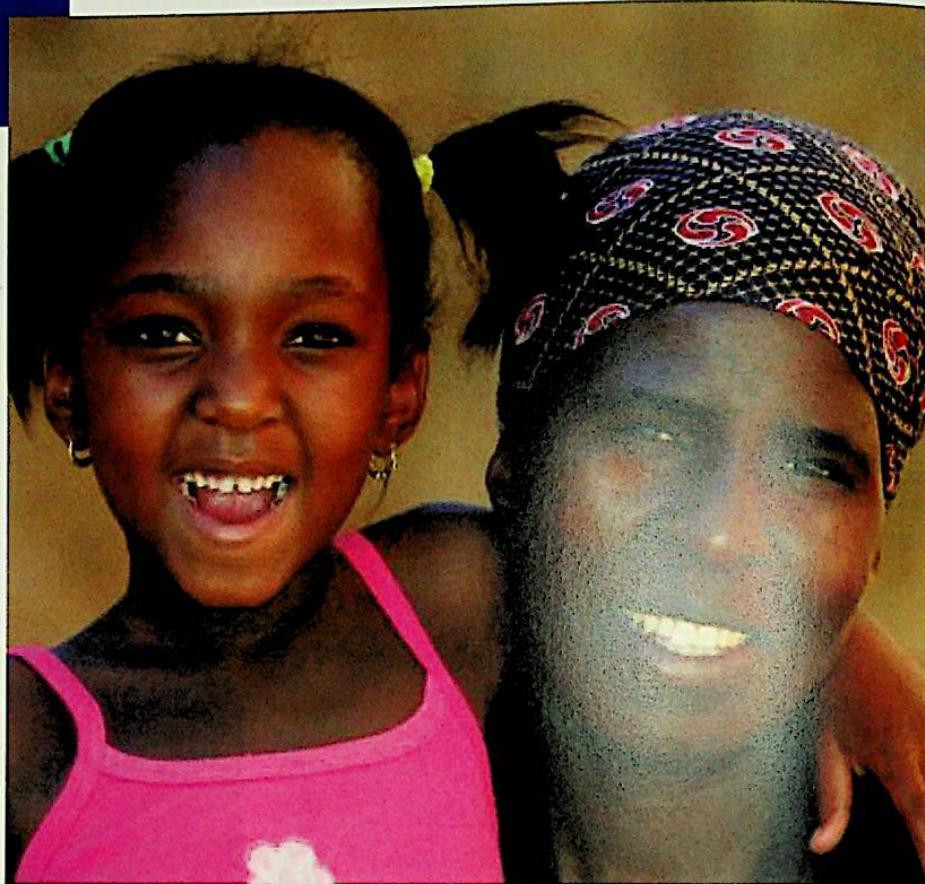
Nome e Identidade: um acróstico para...

Material necessário: ficha 3, caneta, lápis, borracha, papel sulfite, canetinhas coloridas, lápis de cor, papel pardo e cola.

“**A** memória, vinda das experiências como a escola, a igreja e os meios de comunicação, com as expressões orais – piadas, anedotas, música, vaias etc. –, mantém em evidência uma clara referência ao passado vivido pela ancestralidade negra no Brasil. A introjeção desse passado fragmenta negativamente a identidade da criança negra quando ela quer se reconhecer no passado e se imaginar no futuro (MUSAKAT, 1986, p.27). Distante (1998) define a identidade de uma pessoa como a consciência de que o seu modo de ser, viver e falar seja semelhante ou até mesmo possa se identificar com o modo de ser, viver e falar de um determinado povo ou de uma determinada comunidade ou tribo. (DISTANTE, 1988, p.83). Juntar os fragmentos da memória constitui o processo de identidade da pessoa.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços que esgarça os fragmentos de identidade de uma criança negra, que muitas das vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à vida cotidiana.

Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, caso se alimente uma memória pouco construtiva para sua humanidade. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o escravo, por meio das histórias de resistência ou da simples amostra de ilustrações de personagens negras, é tentar refazer a história individual na história coletiva tão desprovida, na maioria das vezes, de referências encobertas na memória. (ANDRADE, 2005, p.119-120)



Aquecimento

UM ACRÓSTICO PARA...

Explique aos adolescentes que acróstico é um tipo de poema (rimado ou não) em que se homenageia uma pessoa (colocando seu nome na vertical e tomando cada letra como início de um verso). O mais provável é que os versos (linhas do poema) conttenham características dessa pessoa – adjetivos ou mesmo frases sobre ela.

1ª etapa

Nessa atividade, pergunte aos adolescentes quais pessoas famosas negras (de hoje ou do passado, heróis, artistas, atletas ou outros) eles conhecem e diga que o acróstico que vão fazer hoje é em homenagem a um desses personagens bastante conhecidos.

Liste com os adolescentes as personalidades negras nacionais e locais. Tenha o cuidado de lembrar das várias personalidades negras de nossa história. Veja os exemplos citados no box verde. Com o grupo, faça um levantamento de características físicas e/ou outras qualidades encontradas nas personalidades apresentadas. Você pode organizar essa listagem na lousa já em ordem alfabética, pedindo que eles dêem duas ou mais características começadas com a letra A (ex.: alto, amável, agradável etc.), B, C etc. O grupo pode registrar nos cadernos. Explique que elas poderão ser utilizadas na criação do(s) acróstico(s) que cada um vai fazer. Lembre-os de que as características indicadas não devem ser depreciativas (burro, feio, idiota etc.). Às vezes, num acróstico, é possível utilizar características negativas que permitem revelar como uma pessoa é física ou psicologicamente, sem que o resultado seja agressivo, ofensivo, preconceituoso, racista ou discriminatório. O que, aliás, não caberia num poema de homenagem a um personagem negro.

2ª etapa

Distribua a ficha 3 e peça aos adolescentes que escolham um ou dois dos personagens listados na lousa e produzam coletivamente um acróstico com o seu nome. Você será o escriba e anotarás as sugestões do grupo. Deixem que escolham democraticamente quais palavras ou frases ficam melhores em cada verso. Ao terminar, a turma registra seus acrósticos na ficha.

3ª etapa

Sugira que cada jovem crie um ou mais acrósticos, homenageando pessoas negras queridas que eles conheçam. Ajude aqueles que tiverem mais dificuldades, dando pistas e sugestões.

Atividade

Dinâmica: NOME E QUALIDADE

Desenvolvimento

1. Grupo em círculo, sentado.
2. O facilitador inicia dizendo alto o seu nome, seguido de uma qualidade que julga possuir. Após falar seu nome e uma qualidade, dizer em voz alta o nome e uma qualidade de um personagem negro (artista, atleta ou herói) que conheça. Ex.: Zumbi de Palmares, inteligente; Pelé, eterno (sugerir as personalidades negras no box verde).
3. Cada participante, na sequência, repete os nomes ditos anteriormente, na mesma ordem, acrescentando ao final o próprio nome e qualidade mais o nome e uma qualidade de um personagem negro (artista, atleta ou herói) que conheça.

O desafio dessa dinâmica é aprender de forma lúdica como chamar os participantes do grupo e de conhecer personagens negros atuais e históricos, repetindo na sequência de todos os nomes as qualidades dos participantes e dos personagens negros que lembraram, antes de dizer o próprio nome e qualidade e o nome e qualidade do seu personagem negro.

(SERRÃO, M., BALEEIRO, M. C., 1999, p.110)

Fechamento

Sugira aos adolescentes que enviem seus acrósticos à pessoa negra (familiar ou amigo) homenageada. Não esqueça da publicação dos acrósticos, colados em papel pardo, para serem afixados em um mural ou painel. Se for possível utilizar o computador para digitar e imprimir, pode-se compor uma pequena coletânea acessível a todos e que fará parte do acervo da Unidade.

Adaptação (PEG-Projeto Educação e Cidadania. Módulo de Atividades Escolares 14/Poesia, p. 13, 14, 35.)

Personalidades Negras Brasileiras

Abdias do Nascimento (Teatro)

Milton Santos (Geógrafo e professor)

Elza Soares (Cantora)

Jamelão (Músico e carnavalesco)

Theodoro Sampaio (Engenheiro)

Zezé Mota (Atriz)

José do Patrocínio (Jornalista abolicionista)

Zumbi (Líder do Quilombo de Palmares)

Joaquim Barbosa (Ministro do STF)

Menininha de Gantois (Mãe de Santo)

Lembre-os de assinar suas produções e estimule os que terminarem mais cedo a ajudar também. Peça que copiem o(s) acróstico(s) nas fichas.

PESQUISE

No livro já citado, *Superando o Racismo na Escola*, tem um texto da pesquisadora Heloísa Pires Lima que revela como num passado não muito distante a literatura infantil estigmatizou de forma negativa a população negra brasileira.

Racismo, Preconceito e Discriminação

Material necessário: fichas 4 e 4A, canetas, lápis, aparelho de toca-CD, CD com a música *Lavagem Cerebral*, de Gabriel O Pensador, dicionário, papel pardo, canetinhas, lápis de cor, papel ou caderno.

Algumas definições (conceituações básicas sobre Racismo e seus derivados)

"Racismo: ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos humanos (Programa Nacional de Direitos Humanos, 1998, p.12). Também pode ser definido como: a teoria ou ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre as características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura. E, somados a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras.(BEATO, 1998, p, 1).

Já o professor Joel Rufino assim o conceitua: é a suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos sociais e culturais. É também uma modalidade de dominação ou, antes, uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre o outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da nossa espécie. Ignorância e interesses combinados, como se vê. (SANTOS, 1990, p.12).

Preconceito: é uma opinião preestabelecida, imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade. Pode ser definido também como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos.

Discriminação: é o nome que se dá para a conduta (ação ou omissão) que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos, tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa, entre outros. A discriminação é a exteriorização, a manifestação do preconceito e do estereótipo.

A discriminação quando é racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas na raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objeto o efeito de anular ou restringir o reconhecimento, o gozo, o exercício, em condições de igualdade, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer domínio da vida pública. (Programa Nacional dos Direitos Humanos, 1998,15)"(SANT'ANA, 2005, p. 61-63).

Aquecimento

Dinâmica: ABRIGO

Desenvolvimento

1 – Grupo sentado em círculo.

2 – O facilitador (professor ou agente educacional) diz aos participantes: "Em breve, haverá uma explosão atômica e o mundo será destruído. O único local seguro existente é um abrigo subterrâneo, com capacidade para acomodar seis pessoas. Uma dessas pessoas é você. As outras cinco pessoas que poderão ser abrigadas serão escolhidas, por direito, por você a partir da lista que recebeu. Ao seu lado, essas cinco pessoas escolhidas irão construir um novo mundo."

3 – O facilitador entrega a cada participante a folha com a lista (Ficha 4A) de pessoas possíveis de serem escolhidas, pedindo que, individualmente, marquem as cinco que deverão acompanhá-lo na reconstrução do novo mundo. Essa etapa deve levar mais ou menos dois minutos.

4 – Após o término do trabalho individual, forme subgrupos de mais ou menos oito pessoas, solicitando que escolham um coordenador (que deverá disciplinar, orientar e incentivar o trabalho do grupo, tentando chegar a um consenso) e um relator para cada subgrupo.

5 – O facilitador pede a cada subgrupo que tente elaborar uma lista comum, única, de cinco escolhidos. Essa fase tem o tempo de aproximadamente dez minutos.

6 – Cada subgrupo apresenta o resultado a que chegou.

7 – Plenário: discussão das dificuldades enfrentadas pelo grupo na busca do consenso.

8 – Fechamento: o facilitador deve pontuar que o debate em torno de certos temas, que envolve alguns valores, história de cada indivíduo, contexto cultural, estereótipos vinculados a padrões comportamentais e sociais, nem sempre se esgota ou leva a um consenso no grupo.

Ficha de Aquecimento

Assinale com um X, no espaço apropriado, apenas cinco alternativas:

- um homossexual inteligente de 46 anos de idade.
- um sacerdote católico com 60 anos.
- um professor de 26 anos, bonito, simpático e instruído.
- a esposa do professor, com 25 anos. Ela é portadora do vírus HIV e ambos preferem ficar juntos no abrigo ou fora dele.
- uma Mãe de Santo muito influente.
- uma prostituta negra e jovem.
- uma universitária que fez votos de castidade.
- um adolescente negro usuário de drogas.
- uma criança de 5 anos.
- um médico negro e mudo.
- uma excelente dona de casa, porém, moralista e preconceituosa.

Observação: A ficha 4A tem essa lista de pessoas reproduzida para ser usada pelos alunos.

Atividade

Distribua a ficha 4 para os adolescentes e ouça com eles a música *Lavagem Cerebral*, de Gabriel O Pensador. Leia com eles toda a letra e, em seguida, peça que procurem no dicionário o significado das três primeiras palavras que iniciam a música, já que, embora tomadas frequentemente como sinônimos, têm significações diferentes (ver texto introdutório).

Procure mostrar que a palavra preconceito é mais abrangente do que racismo e a discriminação é decorrência de qualquer tipo de intolerância e preconceito.

Depois, questione-os sobre o que acham dessa música, incentivando-os a expor suas opiniões a respeito. Que ideia ou frase foi mais significativa para eles? Por quê? Concordam totalmente ou em parte com o autor? Por quê? Por que o autor deu esse título a sua música? Sabem o que significa lavagem cerebral? Em que situação se usa essa expressão? Aqui, nesta letra, ela tem um sentido positivo ou negativo?

Deixe que manifestem suas opiniões livremente e, se houver posições contrárias, garanta o direito de expressão e de opinião de cada um, mantendo um clima de respeito. Se necessário, explique que a expressão "lavagem cerebral" é usada quando alguém procura colocar ideias na cabeça das pessoas, condicionando-as a agir sem pensar, portanto, alienando-as. No caso da letra de Gabriel, esse sentido é invertido, ganhando um caráter positivo, na medida em que cada um é responsável pela própria lavagem cerebral, isto é, por limpar a cabeça dos preconceitos que recebemos como herança cultural. Assim, a expressão deixa de ser sinônimo de alienação e passa a significar conscientização.

Fechamento

Proponha que relatem o que é pedido no verso da ficha e coletivamente montem um painel (em papel pardo) com frases significativas retiradas do texto, que sirvam para conscientizar as pessoas sobre o desrespeito aos direitos humanos que constituem o preconceito e a discriminação, sobre a estupidez e os perigos do racismo.

Para finalizar a atividade, sugira que cantem a música.

Adaptação (PEC- Projeto Educação e Cidadania. Módulo de Atividades Escolares 14/Poesia, p.12, 13, 33, 34).



PESQUISE

O livro *Aprendendo a Ser e Conviver*, de Margari-da Serrão e Maria Clarice Baleeiro, publicado pela Fundação Odebrecht e pelo Serviço Social do Mosteiro São Bento da Bahia, é uma coletânea de dinâmicas pedagógicas. Muitas delas abordam questões sobre preconceito, racismo e discriminação. Confira.

Saúde: discriminação no atendimento

Material necessário: lápis, caneta, lápis de cor, canetinhas coloridas, giz de cera, régua, papéis, papel pardo e cola, toca CD, CD com a música *É*, de Gonzaguinha, ECA e Declaração Universal dos Direitos Humanos.

“Contrastes chocantes entre os indicadores de saúde referentes aos segmentos branco e negro da população vêm sendo assinalados por numerosas vezes, em documentos de pesquisa, manifestos dos movimentos sociais, fóruns e conferências nacionais de saúde. Essas vozes revelam que a avançada legislação do SUS não tem garantido acesso igual nem a mesma qualidade na atenção oferecida a um e ao outro segmento. Eis alguns exemplos do impacto dessas desigualdades.

Entre 1980 e 2000, CUNHA (2001) apontou que a diferença relativa entre os níveis de mortalidade infantil de negros e brancos, menores de 1 ano, passou de 21% para 40%, praticamente dobrando a disparidade.

Em 2000, a taxa de mortalidade das mulheres negras de 10 a 49 anos, por complicações de gravidez, parto e puerpério, foi 2,9 vezes maior que a apresentada por mulheres brancas (BATISTA e col., 2004).

Mulheres negras têm menos chances de passar por consultas ginecológicas completas, consultas de pré-natal e de fazer os exames ginecológicos no período pós-parto (PERPÉTUO, 2000; CHACHAM, 2000). Pesquisa da Fio-cruz (2004) mostrou que, no município do Rio de Janeiro, 5,1% das gestantes brancas atendidas em maternidades públicas no período de 1999-2001 não receberam anestesia no parto normal, e para as mulheres negras isso ocorreu em 11,1% dos casos. Enquanto 30% das mulheres gestantes brancas não foram informadas sobre os sinais de parto, entre as negras foi de 37,5% (LEAL e col., 2004).

Na cidade de São Paulo, BARBOSA (1998) observou que 69,5% dos óbitos dos homens negros ocorrem até a idade de 54 anos, para uma proporção de 45,1% entre homens brancos.

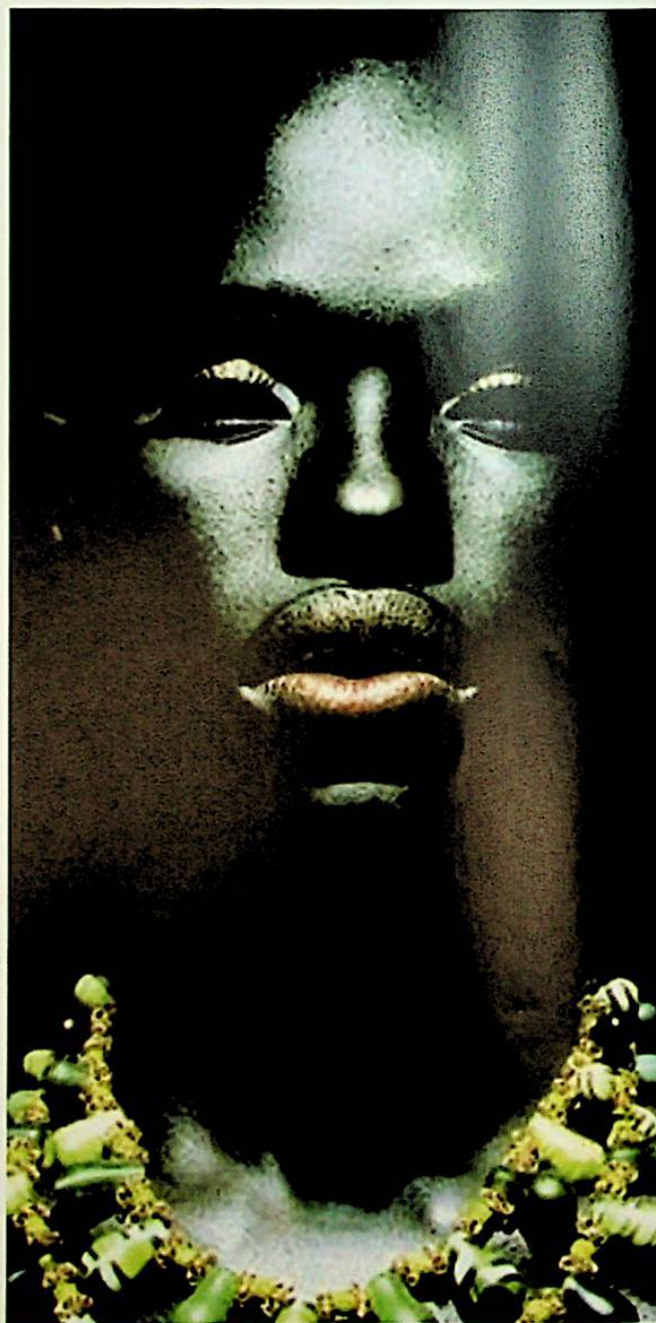
Em 2000, a taxa de mortalidade por causas externas dos homens negros, de 10 a 64 anos, foi duas vezes maior que a apresentada para os homens brancos. (BATISTA e col., 2004).

[Folder da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e Ministério da Saúde]

Ainda segundo pesquisas do Grupo Mulheres Negras Nzinga Mbandi Projeto DST/AIDS, “a vulnerabilidade de infecção por vírus HIV acentua-se na população negra, e, em principal, nas mulheres negras, devido às desigualdades sociais, baixo nível de escolaridade, condições de

vida sub-humanas, falta de acesso a informações e atendimento de saúde inadequado”.

[Folder da Campanha Projeto DST/AIDS do Grupo de Mulheres Negras Nzinga Mbandi e Fundo Ângela Borba]



Aquecimento

Dinâmica: SEGUINDO A CANÇÃO

Objetivo: refletir e analisar temas.

Material: toca-CD, cópia da letra da música escolhida, Artigos I, III e IV da Declaração dos Direitos Humanos e Artigos VII ao XIV do ECA.

Observação: providenciar cópias das leis acima e música.

Sugestão de música: *Ê*, de Gonzaguinha.

Desenvolvimento

1 – Grupo em círculo, sentado.

2 – Peça que fechem os olhos e escutem a música com atenção.

Enquanto isso, coloque uma cópia da letra no chão, na frente de cada adolescente. Dê um tempo.

3 – Ao finalizar a música, solicite que abram lentamente os olhos e façam uma leitura silenciosa da letra. Tempo.

4 – Peça a um voluntário que leia a letra em voz alta.

5 – Cada participante diz ao grupo a frase da música que mais o tocou, justificando a escolha.

6 – Distribua cópias dos artigos VII ao XIV do ECA e dos artigos I, III e IV da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e peça aos adolescentes para realizar uma leitura desses artigos.

7 – Plenário – estabeleça relações entre a letra da música, a questão dos Direitos Humanos e as questões raciais no Brasil.

8 – Fechamento: o facilitador pede que formem um círculo em pé, para cantar e dançar a música.

Adaptação (SERRÃO, M., BALEEIRO, M. C., 1999, p.274)

Atividade

Esta oficina consiste na produção de peças publicitárias que chamem a atenção para os dados apresentados no texto introdutório. Pretende-se produzir duas campanhas: uma de orientação sobre os instrumentos e instituições legais que façam garantir direitos igualitários entre negros e brancos no atendimento público na área de saúde; e outra, que oriente sobre as formas de prevenção DST, gravidez ou epidemias (dengue, febre amarela e outras), que geralmente atingem as populações mais carentes onde a incidência de negros e afrodescendentes é maior.

As peças podem ser produzidas por meio de desenhos ou frases em folders informativos (a escolha pode ser dos adolescentes).

ONDE PROCURAR AJUDA EM CASO DE SITUAÇÕES DISCRIMINATÓRIAS NA SAÚDE

Conselho Municipal de Saúde de sua cidade.

Tel.:

Divisão de Combate ao Racismo da Prefeitura Municipal de sua cidade (caso exista).

Tel.:

CM-DST/AIDS: Coordenação Municipal de DST/AIDS de sua cidade.

Tel.:

Conselho Municipal de Combate ao Racismo de sua cidade.

Tel.:

Unidade da Fundação CASA em seu município ou região.

Tel.:

Delegacia de Política Civil de sua cidade

Tel.:

CE-DST/AIDS: Coordenação Estadual/SP de DST/AIDS.

Tels.: (11) 5087-3835 / 55710855.

Seppir: Secretaria Especial de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial Governo Federal.

Tel.:: (61) 3411-3610.

SEDH: Sec. Especial dos Direitos Humanos, do Governo Federal.

Tel.: (61) 3429-3116.

Observação:

Procure os telefones dos órgãos de sua cidade e anote nesta ficha.



Fechamento

Com os adolescentes, cole as produções em papel pardo para fixação em mural ou quadros da Unidade.

Procurando Caminhos

Material necessário: embalagens, papéis variados (cartolina, crepom, laminado, etc) cola, tesouras, barbantes, cones, placa de isopor e recicláveis variados.



De acordo com o pesquisador e educador PAULA (2004), “da população adolescente entre 15 e 17 anos da Região Metropolitana de São Paulo que só estuda (dados de 1998), a relação é de 37,5% dos adolescentes negros contra 47,0% dos adolescentes não negros; a relação entre a população da mesma faixa etária que estuda e trabalha é de 18,6% dos adolescentes negros contra 20,2% dos adolescentes não negros; a relação entre aqueles que estudam e procuram trabalho é de 22,1% dos adolescentes negros contra 17,9% dos adolescentes não negros; a relação entre os que só trabalham é de 7,9% dos adolescentes negros contra 5,6% dos adolescentes não negros. Quando aumenta a faixa etária de 18 e 24 anos, novas configurações determinantes na trajetória social se constituem. A relação entre os que só estudam é de 4,6% dos jovens negros contra 8,8% dos jovens não negros; a relação entre aqueles que trabalham e estudam é de 12,0% dos jovens negros contra 18,0% dos jovens não negros; a relação entre os jovens que estudam e procuram trabalho é de 6,8% dos jovens negros contra 6,9% dos jovens não negros; e a relação entre os que só trabalham é de 43,8% dos jovens negros contra 42,1% dos jovens não negros”.

Considerando que a população negra (negros e pardos) neste estudo representa 33,1% do total geral da população geral da Região Metropolitana de São Paulo, os dados acima nos levam à constatação de um processo de profunda discriminação e perversos mecanismos de exclusão da população negra na sociedade atual. Vemos, portanto, que essa discriminação atinge igualmente os jovens negros em idade escolar e que existem mecanismos de exclusão, principalmente a partir da juventude, e a escola influencia de forma decisiva neste processo.

Algumas constatações são frutos de reflexões acerca dos dados apresentados: a alta participação do jovem no mercado de trabalho, em especial o negro, implica na limitação de seu tempo disponível para se dedicar aos estudos, o que, além de sobrecarregar sua jornada, torna-se um obstáculo para a conclusão dos estudos e formação, dificultando sua inserção futura no mercado de trabalho; a menor dedicação do jovem



negro trabalhador ao estudo está diretamente associado à persistência de condições precárias em relação ao jovem trabalhador não negro.

Ademais, contribuem possivelmente outros fatores como o maior comprometimento com a sobrevivência familiar, inclusive para a realização de afazeres domésticos, frente à dificuldade de pagar por esses serviços (PAULA, 2007, p. 18-24).

Por outro lado, muitas conquistas que apontam para mudanças neste cenário são fruto da intensa luta do movimento negro ao longo de nossa história. São várias as políticas governamentais e atuações de ONGs e do Movimento Social que objetivam a consolidação do Estado Democrático e de Direito que garanta condições de igualdade a todos brasileiros. O sistema de cotas nas Universidades Públicas e o PROUNI são políticas públicas de inclusão no sistema universitário que levam em conta questões étnico-raciais; a Lei 10639/03 que institui o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no sistema Educacional; e a Lei 7.716/89, conhecida como Lei Caó, que regulamenta o Artigo 5, inciso XLII, da Constituição Federal que criminaliza com pena de prisão o racismo no Brasil, são apenas alguns exemplos de conquistas do Movimento Negro. É evidente que se faz urgente uma mudança radical das posições de muitos setores da sociedade, para que estas políticas e legislações atinjam muitos brasileiros negros e afrodescendentes que ainda sofrem com a exclusão racial. Por isso, ainda há muito o que fazer.

Aquecimento

Dinâmica: QUEBRA-CABEÇA

Material: palavras escritas em cartolinas e recortadas para montagem (ver box verde).

Observação: preparar antecipadamente o material.

Esta atividade consiste na montagem das palavras compostas (quebra-cabeça) com os nomes de escolas, órgãos públicos da educação (Secretarias Municipais, Diretorias de Ensino, Conselhos etc.), associação de pais, entidades ou associações culturais, movimentos sociais (principalmente movimentos, entidades ou associações que atuam no campo étnico-racial) ou outras entidades relacionadas à educação. Liste estas instituições, órgãos e entidades na lousa (ver box verde). Coloque as palavras misturadas em um recipiente (caixa, sacos etc) e solicite que cada adolescente tire uma palavra e coloque sobre a mesa. Quando o último adolescente retirar sua palavra, volte ao primeiro e continue na mesma sequência até terminar as palavras do recipiente. Após retirar todas as palavras, solicite que eles montem os conjuntos de palavras que formem os nomes das instituições, órgãos ou entidades relacionadas na lousa. Depois de montados todos os nomes, explique aos adolescentes as funções de cada uma dessas instituições, órgãos e entidades. Deixe os nomes montados na mesa para a próxima atividade.

Atividade

São vários os espaços de construção de cidadania que articulam as políticas públicas da educação no Brasil. Cada município ou região tem seus aparelhos públicos de educação que se relacionam tanto com a sociedade quanto com as outras esferas (estaduais e federal) do poder público. Existem também as entidades e os movimentos sociais e culturais que atuam no campo da diversidade étnica. Nem sempre nossos adolescentes conhecem os espaços de formação, de construção de cidadania e de garantia de direitos para além da escola. Por isso, essa atividade consiste na construção coletiva (com grupos de até cinco adolescentes) de maquetes com os equipamentos públicos (Secretarias Municipais e Estaduais, Conselhos, Associações etc) e Entidades, Associações ou Movimentos Culturais que os adolescentes montaram no quebra-cabeça da atividade anterior. A escolha do que vai ser montado fica a cargo de cada grupo.

Para a montagem da maquete, disponibilize embalagens de vários tamanhos (de pasta de dente, de leite, de sapatos ou outras), cones de qualquer material (ex.: tubos de barbantes etc.), cartolinas, papel crepom, papel dobradura, placas de isopor e qualquer reciclável que possa entrar na Unidade.

ÓRGÃOS PÚBLICOS (ESCOLAS, SECRETARIAS, DIRETORIAS DE ENSINO), CONSELHOS E ENTIDADES OU ASSOCIAÇÕES QUE ATUAM NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E TEMAS RACIAIS:

- Escolas (Municipais e Estaduais) dos bairros ou nas proximidades das residências dos adolescentes;
- Unidade da Fundação CASA;
- Diretoria Regional de Ensino da sua região;
- Secretaria Municipal de Educação de sua cidade;
- Conselho Municipal de Educação;
- Associação de Pais e Mestres da Escola;
- Grêmio Estudantil ou União Municipal dos Estudantes (Umes);
- Secretarias ou Divisões Municipais de Combate ao racismo;
- Conselhos Municipais de Combate ao Racismo;
- Associações ou Entidades Municipais ou Estaduais do Movimento Negro;
- Associações ou Entidades Culturais ou Religiosas de matrizes africanas (Grupos de capoeira, Terreiros de Umbanda ou Candomblé, Grupos Musicais, Teatro ou outros).

Fechamento

Como este é um trabalho coletivo, convença os adolescentes da importância das maquetes ficarem montadas na Unidade para apresentação em mostras pedagógicas e em atividades comemorativas do calendário do Movimento Negro.

PESQUISE

O livro *História da Educação do Negro e Outras Histórias*, publicado pelo Ministério da Educação, BID e Unesco. é uma riquíssima coletânea de textos que abordam os processos de desenvolvimento da relação raça/educação na educação no Brasil ao longo de nossa história.

Projetando o Futuro

Material necessário: ficha 5, CD com a música *Agora Minha Sorte Mudou*, interpretada por Seu Jorge, toca-CD, lápis, caneta, papel sulfite, canetinhas coloridas, lápis de cor, régua, cola, papel pardo, tesouras e revistas para recortes.

Educar para o mercado?

“Na perspectiva de se formar cidadãos, é preciso desmistificar todo o discurso e prática educacional orientado predominantemente pela valorização da formação para o mercado, sob pena de se continuar a nutrir diversas lógicas de opressão e de segregação, sobretudo a racial. O mercado é apenas uma das porções importantes de uma sociedade, e, não raro, ao se referirem a ele, muitos entendem uma série muito limitada e circunscrita de interesses e posições, que embora dinâmicos, não são os mesmos de uma sociedade no seu complexo. Como ressalva Milton Santos, ao contrário do que apreçoam alguns, a figura do cidadão não se encerra na do consumidor e nem tampouco na do eleitor. Estes últimos podem existir sem que o primeiro tenha lugar (SANTOS, 1987). Sem realizar inteiramente suas potencialidades como participante ativo e dinâmico de uma comunidade, o ator social tem sua individualidade limitada e fica com possibilidades reduzidas de estabelecer encontros interpessoais diretos, livres e enriquecedores. Tal estado de alienação social, especialmente em um contexto como o brasileiro, relaciona-se fortemente com a produção de representações, sentidos e práticas sociais marcadas pelo racismo, preconceito e discriminação.

O combate contra o racismo e as diferentes formas de discriminação requer uma luta pela conquista de cidadania plena, igualitária, libertária, participativa e constantemente renovada. Nesse sentido, entre outras coisas, é fundamental reter que a escola deva cumprir seu papel articulador na conquista e na garantia dos direitos à educação e ao trabalho, contribuindo de maneira decisiva para assegurar a todo cidadão uma inserção digna e participativa no mundo social. Uma educação de qualidade, libertária e, portanto, pluralista. Uma educação para a vida, nas suas mais variadas dimensões. Um trabalho valorizado, reconhecido com salário compatível com a sua importância social e que permita ao trabalhador, sem qualquer distinção discriminatória, ter recursos, poder criar e aproveitar oportunidades e dispor de tempo para aprimorar-se, viver, sonhar, desejar, articular-se e realizar-se juntamente com todos aqueles empenhados na transformação social, nos seus mais variados e surpreendentes aspectos”.

(JUNQUEIRA, 2006, p.37)

Aquecimento

Dinâmica: EU SOU ALGUÉM

Objetivo: pensar projeto de vida.

Material: papel sulfite e lápis.

Desenvolvimento

1 – Grupo em círculo, sentado.

2 – Distribua uma folha de papel e um lápis para cada participante, pedindo que liste, no mínimo, dez características próprias. Dê um tempo. Se algum adolescente tiver dificuldade com a escrita, peça a ele que diga suas características e copie para ele ou peça a algum de seus colegas que o ajude.

3 – Solicite que virem a folha, dividam-na ao meio e classifiquem as características listadas, colocando de um lado as que facilitam sua vida e do outro, as que dificultam. Tempo.

4 – Forme subgrupos para compartilhar as conclusões individuais.

5 – Plenário: compartilhe com o grupo as descobertas feitas sobre si mesmo:

- o que descobriu sobre si mesmo realizando a atividade?

- qual a característica própria que você mais aprecia?

- qual a que mais lhe desagrada?

- quais as características mais comuns ao grupo?

(SERRÃO, M., BALEIRO, M. C., 1999, p.75)

Atividade

Organize a sala em semicírculos, deixando um bom espaço para se movimentarem. Coloque uma música suave e distribua os provérbios africanos reproduzidos nos encartes. (Ficha 5 - Verso)

Chame a atenção dos alunos para as frases, explicando que provérbios são ditos da sabedoria popular, em geral de caráter prático, que passam oralmente de uma geração para a outra e, às vezes, atravessam séculos. Em geral, eles valem para a sociedade e cultura onde foram criados, mas às vezes também para outras sociedades. Leia com a classe os provérbios, comentando suas origens africanas e peça que cada adolescente escolha um. Lembre-os que em várias culturas africanas a oralidade é uma tradição muito forte e antiga e que muitos destes provérbios podem ter vários séculos de existência. Em seguida, forme grupos de acordo com os provérbios escolhidos.

Dê um tempo para os grupos discutirem as respectivas frases, indicando porque foram escolhidas e qual o significado delas, registrando as conclusões. Circule entre eles a fim de perceber se há dificuldade, inclusive de vocabulário e ajude-os, se houver discordâncias e discuta o porquê.

Abra espaço para a apresentação das conclusões e encerre as discussões, apontando a importância de se ter um projeto de vida, um plano com objetivos a serem alcançados e etapas a serem vencidas, levando em conta os provérbios escolhidos e as questões étnico-raciais que estamos inseridos.

Desenvolvimento da atividade

1ª parte - Pensando no futuro

Proponha algumas questões:

- quem tem um projeto ou sonho que deseja muito realizar?
- por que você tem esse sonho ou projeto?
- você já fez alguma coisa para que ele se tornasse realidade?
- você sabe o que precisa fazer?
- com que recursos você conta para conseguir atingir seu sonho?
- quais as principais facilidades e dificuldades que espera encontrar nesse percurso sendo uma pessoa de origem negra?
- se você não for uma pessoa de origem negra, quais as facilidades e dificuldades você espera encontrar nesse percurso?

Explicita a importância de se ter um projeto de vida, com propósitos claros e definidos; uma pessoa sem projeto normalmente fica desorientada e sem perspectivas. Explique também que a construção e a realização de um projeto é um processo que pressupõe: desejo, vontade (querer fazer alguma coisa); investimento (exige alguma ação: voltar para a escola, procurar alguém que o ajude, aprender algo novo); colaboração (não é um processo solitário, mas requer ajuda de outros); planejamento (para se concretizar um projeto, em que várias ações precisam ser realizadas, deve-se priorizar as mais urgentes e deixar para segundo plano as demais); tempo (leva-se tempo para desenvolver um projeto e atingir os alvos desejados); persistência (obstáculos podem surgir, mas não se deve desistir); continuidade (um projeto realizado sempre abre espaços para novos projetos).

Distribua a ficha 5 e peça aos adolescentes para preencherem na sequência a linha do tempo e o projeto de vida: momento atual – daqui a 10 anos – o que é preciso fazer para atingir meus objetivos. Peça aos adolescentes para terminarem essa parte respondendo a questão abaixo do quadro linha do tempo.

2ª parte

Para terminar esse dia de forma otimista e ainda oferecer elementos para mais reflexões, propomos o trabalho com a canção *Agora Minha Sorte Mudou*, interpretada por Seu Jorge. Convide-os a ouvir a música uma vez e depois, toque-a de novo para acompanharem a letra (ficha 5) e cantar junto.

Pergunte se já a conheciam e peça para fazerem uma leitura atenta da letra. Se houver alunos que não saibam ler, faça essa atividade em duplas. Estimule a discussão e troca de ideias e percepções.

Em seguida, peça aos alunos para registrarem em folhas avulsas como percebem o momento em que vivem e como será o futuro, levando em consideração as questões étnico-raciais que todos estamos envolvidos e já estudamos nas atividades anteriores desta apostila. Para esse registro, vale qualquer tipo de linguagem: escrita (poemas, versos, frases), desenhos, colagem, pintura etc. Deixe o material disponível.

Adaptação (PEC- Projeto Educação e Cidadania. Módulo de Atividades Escolares 1/Educação, Ponte para o mundo, p.34-36/51-52)



PROVÉRBIOS AFRICANOS

- * Uma mentira estraga mil verdades.
- * Se você está construindo uma casa e um prego quebra, você deixa de construir ou muda o prego?
- * Um pouco de chuva a cada dia encherá os rios até que transbordem.
- * A igualdade não é fácil, mas a superioridade é dolorosa.
- * Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão.
- * Depois de uma ação tola vem o remorso.
- * Sem vingança, os males do mundo um dia ficarão extintos.
- * A esperança é o pilar do mundo.
- * Um camelo não zomba da corcunda de outro camelo.
- * Quando o seu vizinho está errado você aponta um dedo, mas, quando é você que está errado, esconde.
- * Se você danificar o caráter de outro, você danifica o seu próprio.
- * Não há nenhum remédio para curar o ódio.
- * Nunca se esqueça das lições aprendidas na dor.
- * O cavalo que chega cedo bebe água boa.
- * É melhor ser amado do que étnico-temido.

Fechamento

Convide os adolescentes para colarem seus trabalhos em papel pardo para serem afixados nos murais e quadros da Unidade.

PESQUISE

Na coletânea de Módulos e de Oficinas Culturais do PEC existem inúmeras atividades e oficinas que, com poucas adaptações e muita criatividade, podem ser utilizadas nas temáticas étnico-raciais.

NOME: _____ DATA: _____

Leia com atenção o texto abaixo

As etnias trazidas para o Brasil, provenientes de diferentes regiões da África e com diversas culturas são:

nagôs – provenientes da Nigéria, do Benin e do Togo, de língua iorubá;

fons ou minas – provenientes do antigo Daomé, atual Benin, de língua jeje;

bantos – provenientes de vários países – Angola, Congo, Moçambique, Zimbábue etc. – de língua banta.

O português falado no Brasil conta com a contribuição das culturas bantas, principalmente de suas línguas, entre elas o Quicongo, o Umbundo e o Quimbundo. Segundo o dicionário Banto do Brasil (LOPES, 1996), para se constatar palavras de origem banta em nossa língua, basta buscar as seguintes características:

1) presença de sílabas iniciais como Ba, Ca, Cu, Fu, Ma, Mo, Um, Qui etc.

Exemplos: *caçula – candango – cachimbo – curinga – cuca – fubá – fuleiro – fulo – macumba – maxixe – mala – mafuá – quitanda – quizila – quitute – quiabo etc.*

2) presença, no interior do vocábulo, dos grupos consonantais de Mb, Nd e Ng.

Exemplos: *banda – samba – mambo – lambada – bunda – umbanda – macumba – dendê – camundongo – ginga – tanga – sunga etc.*

3) presença de terminações como Aça, Ila, Ita, Ute, Uca etc.

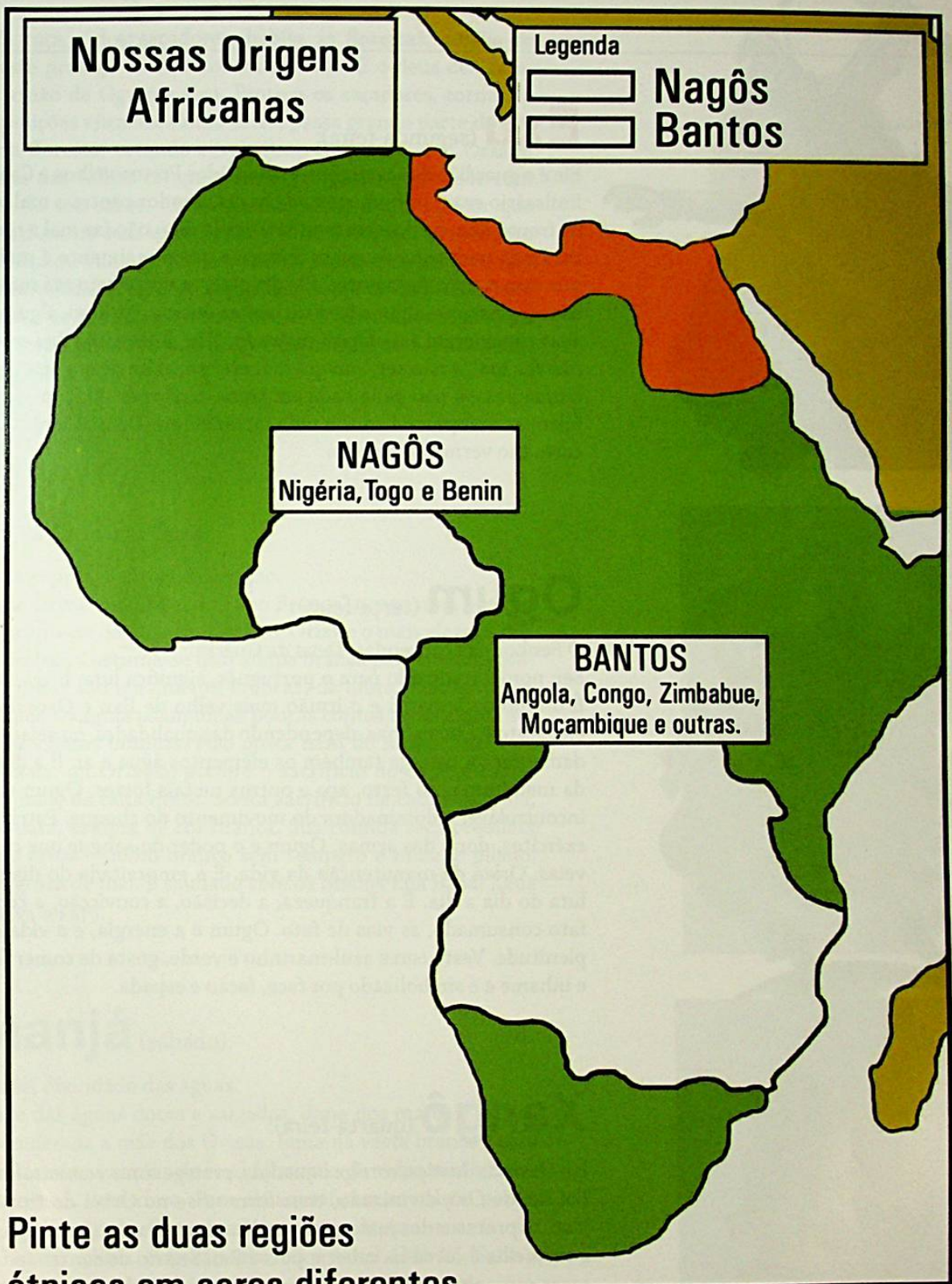
Exemplos: *macaca – quizila – catita – maxixe – bazuca – muvuca etc.*

Os termos de origem nagô estão mais restritos às práticas e utensílios ligados à tradição dos orixás, como a música, da descrição dos trajes e a culinária africana. (THEODORO, 2005, p. 82-84).

Exemplos: Iemanjá, Ogum, Exu, Oxossi, Oxalá, Vatapá, Munguzá, Quizumba, Ebó, Patuá, Agogô, Oxé, Xere etc.

Responda a seguinte questão:

1 – Quais as etnias africanas de onde saiu a maioria dos negros que foi trazida como escrava para o Brasil?



Pinte as duas regiões étnicas em cores diferentes. As cores que você usar no mapa deverão constar na legenda acima.

NOME _____

DATA _____



Exu (segunda-feira):

Ele é o guardião dos caminhos, soldado dos Pretos-velhos e Caboclos. Emissário entre os homens e os Orixás, lutador contra o mal, sempre de frente, sem medo, sem mandar recado. Exu não faz mal a ninguém, mas joga para cima de quem merece e quem realmente é mal, o mal que essa pessoa fez a outra. Ele devolve, às vezes com até mais força, os trabalhos que alguns fizeram contra outros. Por isso, algumas pessoas consideram esse Orixá malvado. Não se engane, Exu que é Exu não faz mal, a não ser com quem merece e, além disso, quando ajuda a uma pessoa não pede nada em troca, a não ser que a pessoa tome juízo, se comporte bem na vida, acredite em Deus e tenha fé. Suas cores são vermelho e preto.



Ogum (terça-feira):

O Senhor das contendas, Deus da Guerra. Seu nome, traduzido para o português, significa luta, briga, batalha. É o filho de Iemanjá e o irmão mais velho de Exu e Oxossi e o seu elemento é a terra, mas, dependendo das qualidades, ou seja, sua fundação, carrega também os elementos água e ar. É a divindade da metalurgia, do ferro, aço e outros metais fortes. Ogum é a força incontornável e dominadora do movimento do choque. Patriarca dos exércitos, dono das armas, Ogum é o poder do sangue que corre nas veias. Orixá da manutenção da vida. É a empreitada do dia a dia, a luta do dia a dia. É a franqueza, a decisão, a convicção, a certeza, o fato consumado, as vias de fato. Ogum é a energia, é a vida em sua plenitude. Veste cores azul-marinho e verde, gosta de comer feijoada e inhame e é simbolizado por faca, facão e espada.



Xangô (quarta-feira):

É o Orixá da Justiça, corrige injustiças, protege contra catástrofes. Foi Rei de Oiô; divinizado, transformou-se no Orixá do trovão e da justiça, protetor dos juizes, advogados e burocratas. Usa roupa branca e vermelha e coroa na cabeça, pois é Rei. Seu fio de contas se faz com essas cores alternadas. Dança com o machado de lâmina dupla na mão (oxé) e é dono de um instrumento musical usado só para ele: o xere, chocalho de latão. Seus bichos favoritos são o carneiro, o cágado e as aves galo vermelho e pato. Adora quiabo com camarão seco e dendê, além de arroz, feijão e farofa. Recebe as oferendas em pedreiras ou pedra em beira de cachoeiras. Sua saudação, Cauô Cabieci! (Venham ver sua majestade!).

Oxossi (quinta-feira):

Orixá da caça e dos caçadores, habita as florestas, auxilia os caçadores e protege os fiéis contra as feras. É o deus dos caçadores e irmão de Ogum e Exu. Protege os caçadores, tornando suas expedições eficazes. Como estes, passa grande parte do seu tempo na floresta, estando em contato frequente com Ossaim (divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas) e aprende com ele parte do seu saber. Como normalmente é um caçador que descobre, durante suas expedições, o lugar favorável à instalação de nova roça ou vilarejo, torna-se assim o primeiro ocupante do lugar e senhor da terra, com autoridade sobre os habitantes que aí venham a se instalar posteriormente. É representado por um homem armado com um arco ou apenas por um arco. Sua saudação é, Okê Arô!



Oxalá (sexta-feira):

Divindade suprema, Orixá da criação.

“O Grande Orixá” ou “O Rei do Pano Branco” ocupa uma posição única e incontestada do mais importante Orixá e o mais elevado dos deuses iorubás. Costuma-se usar roupa branca para homenageá-lo. Suas contas são igualmente brancas, de louça, mas os filhos da qualidade Oxaguiã usam umas poucas contas azuis a cada sequência de contas brancas. Não gosta nem de sangue, nem de dendê. Oxalá, ou Orixalá, prefere o sacrifício do caracol catasol (ibin) mas, na falta deste, aceita sacrifício de cabra, galinha, pomba e pata, sempre de cor branca. Sua comida seca predileta é insossa: arroz e milho branco sem tempero e inhame pilado. Também gosta de mel. É saudado com os brados Êpa Babá! Xêué Babá! (Viva o Pai!).



Iemanjá (sábado):

Deusa mãe, divindade das águas.

Divindade das águas doces e salgadas, dona dos mares e oceanos. É considerada a mãe dos Orixás. Iemanjá veste branco e azul ou verde-claro e as contas de seus filhos são de vidro verde-claro, transparente ou azul-claro. Para ela, sacrificam-se cabra, porca, galinha, pata e cágado. Come também peixes de escamas e frutos do mar, arroz, milho, camarão seco, côco e mel. Odô Iá! (Salve a mãe do rio) é sua saudação.



NOME _____

DATA _____

Perpétuo
Elegante
Ligeiro
Eterno

Negro lindo!
Excelente cantor,
Talentoso apresentador.
Inteligente e
Nobre homem.
Honesto e
Otimo representante da Cohab

Nenê, você nasceu para brilhar...
Excelente pessoa, excelente jogador.
Nossos corações se alegram por você existir.
Em seu caminho sempre haverá alegria e paz!

Um pouco de conversa

Os poemas que você acabou de ler são acrósticos e servem para homenagear uma pessoa de quem se gosta: um parente, um(a) amigo(a), o(a) namorado(a). Para fazer um acróstico, use palavras que indiquem qualidades dessa pessoa ou frases que expressem o que ela significa para você. E o nome da pessoa, como você já sabe, deve ficar em destaque, na vertical. Para começar, você e os colegas podem fazer uma lista de palavras que indiquem qualidades [atencioso(a), bonito(a), esperto(a), inteligente etc.]. Assim fica mais fácil encontrar as palavras certas na hora de compor o poema. Depois, podem escolher o ídolo (homem ou mulher) negro ou negra da turma (artista, esportista, herói, político, intelectual etc.) e, juntos, tentar criar um acróstico para ele ou ela. Talvez você não conheça personalidades negras da importância de Abdias do Nascimento, Milton Santos, Theodoro Sampaio, Zezé Mota, José do Patrocínio, Zumbi dos Palmares, Joaquim Barbosa, Menininha de Gantois. Pergunte à professora quem são essas pessoas e, se você considerá-las merecedoras, escolha uma ou duas e faça uma homenagem com um acróstico com os nomes escolhidos. Mas é importante que você conheça um pouco da história desses heróis e heroínas negros e negras do Brasil.

O passo seguinte é usar o mesmo esquema e faça um ou mais acrósticos para as pessoas negras de quem se gosta. Você pode também enviá-lo pelo correio ou entregá-lo em mãos à(s) pessoa(s) homenageadas. Ou guarde seus poemas para que sejam expostos. Afinal, o que a gente escreve é para ser lido por outros.

Registre aqui os acrósticos que você compôs.

Lavagem cerebral

Gabriel O Pensador

Racismo, preconceito e discriminação em geral
 É uma burrice coletiva sem explicação
 Afinal que justificativa você me dá
 Para um povo que precisa de união
 Mas demonstra claramente, infelizmente
 Preconceitos mil, de naturezas diferentes
 Mostrando que essa gente
 Essa gente do Brasil é muito burra!
 E não enxerga um palmo à sua frente
 Porque se fosse inteligente
 Esse povo já teria agido de forma mais consciente
 Eliminando da mente todo o preconceito
 E não agindo com a burrice estampada no peito
 A "elite" que devia dar um bom exemplo
 É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
 Num complexo de superioridade infantil
 Ou justificando um sistema de relação servil
 E o povão vai como um bundão
 Na onda do racismo e da discriminação
 Não tem a união e não vê a solução da questão
 Que por incrível que pareça está em nossas mãos
 Só precisamos de uma reformulação geral
 Uma espécie de lavagem cerebral.
 Não seja imbecil. Não seja um Paulo Francis
 Não se importe com a origem ou a cor do seu
 semelhante
 O quê importa se ele é nordestino e você não?
 O quê importa se ele é preto e você é branco?
 Aliás, branco no Brasil é difícil
 Porque somos todos mestiços
 Se você discorda então olhe para trás
 Olhe a nossa história, os nossos ancestrais
 O Brasil colonial não era igual a Portugal
 A raiz do meu país era multirracial
 Tinha índio, branco, amarelo e preto
 Nascermos da mistura, então porque o preconceito?
 Barrigas cresceram, o tempo passou...
 Nasceram os brasileiros cada um com a sua cor
 Uns com a pele clara, outros mais escura
 Mas todos viemos da mesma mistura
 Então preste atenção nessa sua babaquice
 Pois como eu já disse racismo é burrice
 Dê à ignorância um ponto final:
 Faça uma lavagem cerebral.
 Negro e nordestino constroem seu chão
 Trabalhador da construção civil conhecido como peão
 No Brasil o mesmo negro que constrói seu apartamento
 Ou que lava o chão de uma delegacia
 É revistado por um guarda nojentto que ainda recebe o

salário e o pão de cada dia
 Graças ao negro, ao nordestino e a todos nós
 Pagamos homens que pensam que ser humilhado
 não dói
 O preconceito é uma coisa sem sentido
 Tire a burrice do peito e me dê ouvidos
 Me responda se você discriminaria
 Um sujeito com a cara do PC Farias
 Não, você não faria isso não...
 Você aprendeu que preto é ladrão.
 Muitos negros roubam, mas muitos são roubados
 E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
 Porque se ele passa fome, sabe como é,
 Ele rouba e mata um homem seja você ou seja o Pelé
 Você e o Pelé morreriam igual
 Então que morra o preconceito e viva a união racial
 Quero ver essa música você aprender e fazer a
 lavagem cerebral
 O racismo é burrice, mas o mais burro não é o racista
 É o que pensa que o racismo não existe
 O pior cego é o que não quer ver
 E o racismo está dentro de você
 Porque um racista na verdade é um tremendo babaca
 Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
 E desde sempre não para pra pensar
 Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
 E de pai para filho o racismo passa
 Em forma de piadas que teriam bem mais graça
 Se não fossem o retrato da nossa ignorância
 Transmitindo a discriminação desde a infância
 E o que as crianças aprendem brincando
 É nada mais, nada menos do que a estupidez se propagando
 Qualquer tipo de racismo não se justifica
 Ninguém explica
 Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com
 Esse lixo que é uma herança cultural
 Todo mundo é racista, mas não sabe a razão
 Então eu digo, meu irmão, seja do povão ou da "elite"
 Não participe, pois como eu já disse racismo é burrice
 Como eu já disse racismo é burrice
 Como eu já disse racismo é burrice
 Como eu já disse racismo é burrice
 Como eu já disse racismo é burrice
 Não me leva a mal
 É hora de fazer uma lavagem cerebral
 Mas isso é compromisso seu
 Eu nem vou me meter
 Quem vai lavar a sua mente não sou eu
 É você.

(CD *Gabriel O Pensador*, Sony, 1993)

A letra que você leu e ouviu é de um rap de *Gabriel O Pensador*. Os raps desse compositor sempre tratam de questões sociais sérias, procurando fazer com que as pessoas pensem sobre elas. Este poema discute o problema do preconceito, do racismo e da discriminação. Você sabe o que significam essas três palavras? Consulte um dicionário, converse com os colegas sobre o resultado dessa consulta e escreva os significados destas três palavras nas linhas abaixo:

Racismo:

Preconceito:

Discriminação:

Agora, relate aqui alguma situação de discriminação que você tenha vivido ou presenciado.

Para fecharmos nossa discussão, escolha na letra da música uma frase que, na sua opinião, é a mais importante para mostrar que o preconceito, o racismo e a discriminação não fazem sentido e são uma estupidez.

As frases que você e os colegas escolheram servirão para compor um painel bem colorido a respeito do tema. Use toda a sua criatividade e, para terminar esta oficina, se você e a turma acharem legal, vocês podem cantar esse rap.

**Assinale com um X, no espaço apropriado,
apenas cinco alternativas**

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Um homossexual inteligente de 46 anos de idade. | |
| <input type="checkbox"/> Um sacerdote católico com 60 anos. | |
| <input type="checkbox"/> Um professor de 26 anos, bonito, simpático e instruído. | |
| <input type="checkbox"/> A esposa do professor, com 25 anos. Ela é portadora do vírus HIV e ambos preferem ficar juntos no abrigo ou fora dele. | |
| <input type="checkbox"/> Uma Mãe de Santo muito influente. | |
| <input type="checkbox"/> Uma prostituta negra e jovem. | |
| <input type="checkbox"/> Uma universitária que fez votos de castidade. | |
| <input type="checkbox"/> Um adolescente negro usuário de drogas. | |
| <input type="checkbox"/> Uma criança de 5 anos. | |
| <input type="checkbox"/> Um médico negro e mudo. | |
| <input type="checkbox"/> Uma excelente dona de casa, porém moralista e preconceituosa. | |

Data:

Pensando no futuro

Resuma no quadro "linha do tempo" (abaixo), como você está hoje, como gostaria de estar daqui a dez anos (objetivos e sonhos) e o que será preciso fazer para realizar seus objetivos e sonhos.

Momento atual	Daqui a 10 anos	O que é preciso fazer para atingir meus objetivos

Agora escreva o que ocasionou esse(s) sonho(s) e quais as facilidades e dificuldades que você espera encontrar para alcançá-los.

Você conhece essa música? Leia, cante e depois discuta com seu grupo o que sentiu ao ouvi-la.

Agora Minha Sorte Mudou

Agora minha sorte mudou, agora eu posso ter o que sempre quis pra mim
Agora que o tempo passou, agora é fácil ver o que eu posso corrigir.

Agora minha sorte mudou, agora eu posso ter o que sempre quis, eu sei
Agora que o tempo passou, agora é fácil ver onde foi que eu errei.

Nada mais me impede eu posso ir em frente
Agora é que tem que acontecer
Agora eu vejo que agora é que tem que ser.
Agora eu sei o que vale a pena, agora eu sei que é importante pra mim,
Agora eu sei o que realmente quero e assim é bem mais fácil conseguir.

Nada mais me impede eu posso ir em frente
Agora é que tem que acontecer
Agora eu vejo que é agora que tem que ser.

Agora eu sei o que tornei complicado como se eu já não tivesse problemas demais
Tenho percebido como eu tenho mudado e o que me incomodava ficou pra trás
Agora eu enxergo o que me fez perder tempo e o que eu não quero nunca mais ter pra mim.

Composição: *Gabriel Thomaz*
Intérprete: *Seu Jorge*

Agora eu posso Mudar

Em uma folha de papel, usando qualquer tipo de registro (escrita, desenho ou colagem), mostre como você percebe o momento que está vivendo ou como poderá ser seu futuro. Preste muita atenção na letra da música cantada por Seu Jorge.

(Esta oficina é uma adaptação da Atividade Projetando o Futuro do Módulo de Atividades Escolares 1/Educação, Ponte para o Mundo, p. 34, 51 e 52 do PEC- Projeto Educação e Cidadania)

Provérbios Africanos

- * Uma mentira estraga mil verdades.
- * Se você está construindo uma casa e um prego quebra, você deixa de construir ou muda o prego?
- * Um pouco de chuva a cada dia encherá os rios até que transbordem.
- * A igualdade não é fácil, mas a superioridade é dolorosa.
- * Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão.
- * Depois de uma ação tola vem o remorso.
- * Sem vingança os males do mundo um dia ficarão extintos.
- * A esperança é o pilar do mundo.
- * Um camelo não zomba da corcunda de outro camelo.
- * Quando o seu vizinho está errado você aponta um dedo, mas quando é você que está errado, esconde.
- * Se você danificar o caráter de outro, você danifica o seu próprio.
- * Não há nenhum remédio para curar o ódio.
- * Nunca se esqueça das lições aprendidas na dor.
- * O cavalo que chega cedo bebe água boa.
- * É melhor ser amado do que temido.

EXU

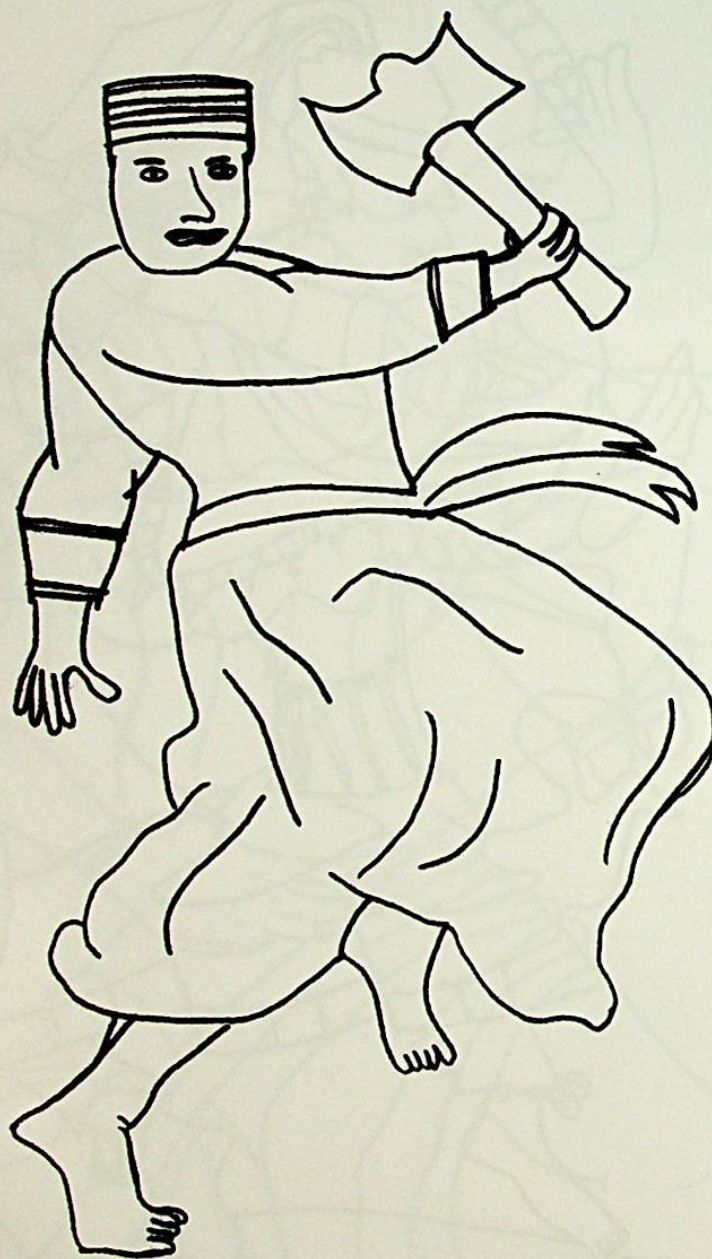


OGUM



XANGÔ

MUJO



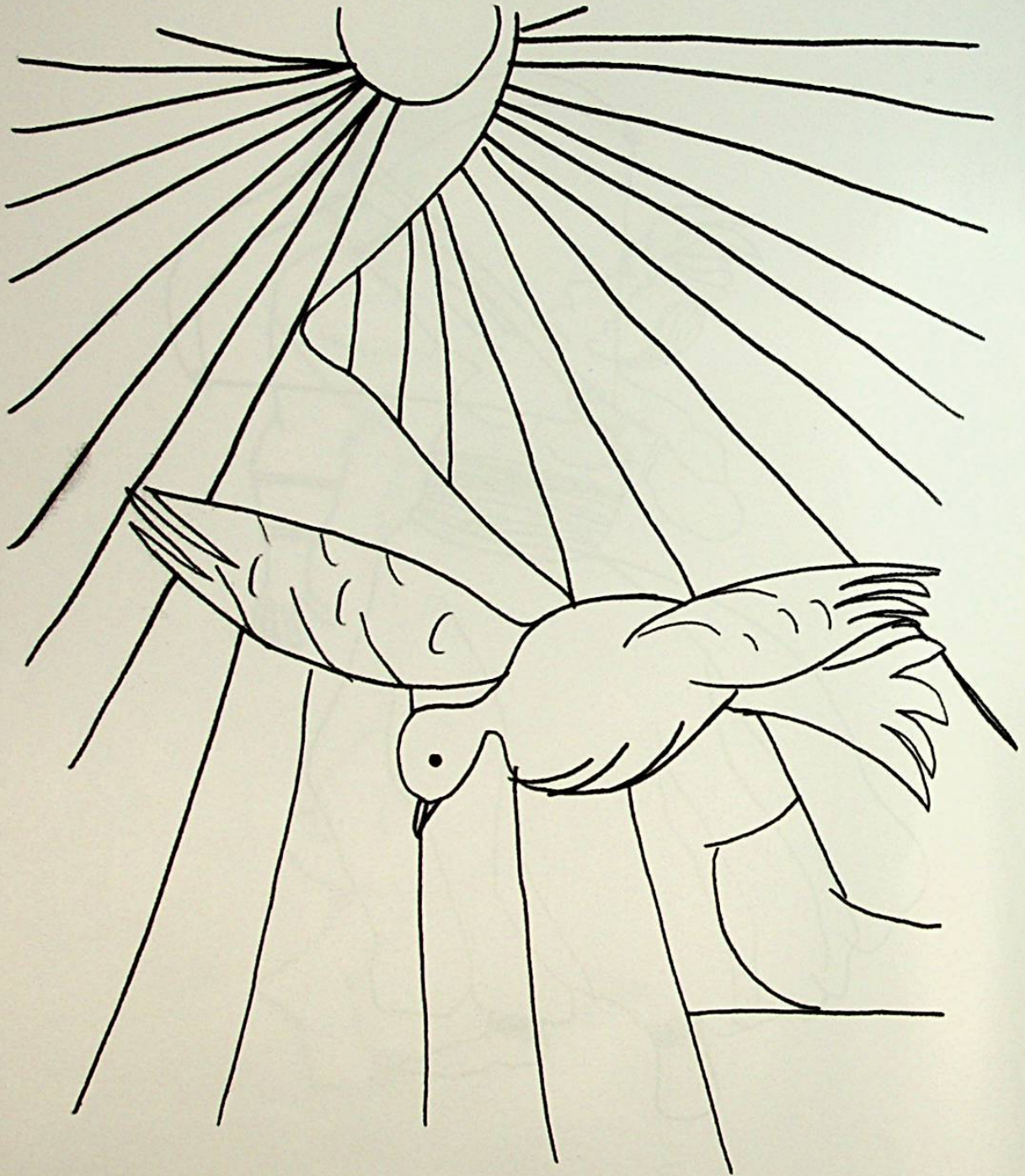
OXOSSI

AIAXO

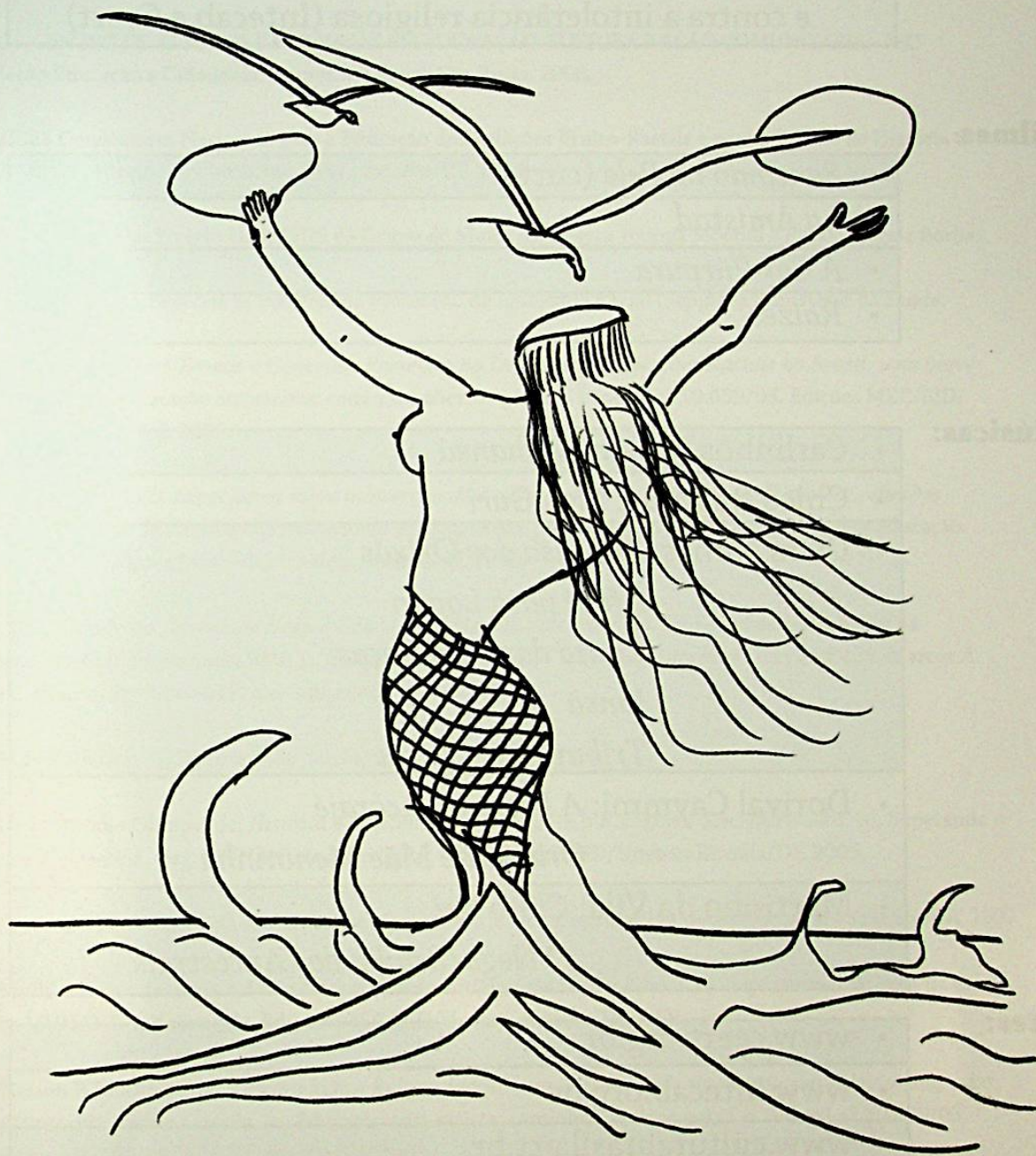


OXALÁ

OXO221



IEMANJÁ



SUGESTÕES DE OUTROS RECURSOS PEDAGÓGICOS E PESQUISAS

Documentários:

- | |
|---|
| • <i>Na Rota dos Orixás</i> |
| • Campanha em defesa da liberdade de crença e contra a intolerância religiosa (Intecab e Ceert) |

Filmes:

- | |
|-----------------------------------|
| • <i>Sentindo na Pele</i> (curta) |
| • <i>La Amistad</i> |
| • <i>A Cor Púrpura</i> |
| • <i>Raízes</i> |

Músicas:

- | |
|---|
| • Carlinhos Brown: <i>Ashansú</i> |
| • Chico Buarque: <i>Meu Guri</i> |
| • Clara Nunes: <i>A Deusa dos Orixás</i>
<i>Afoxé para Logun</i>
<i>Canto das Três Raças</i>
<i>Iansã</i>
<i>Tributo aos Orixás</i> |
| • Dorival Caymmi: <i>A Preta do Acarajé</i>
<i>Oração de Mãe Menininha</i> |
| • Martinho da Vila: <i>Chico Rei</i>
<i>Ó Nega/Semba dos Ancestrais</i> |

Sites:

- | |
|--|
| • www.ceert.org.br |
| • www.intecab.org.br |
| • www.culturabrasil.art.br |
| • www.estadodealagoas.gov.br/uniaodospalmares |
| • www.revistaescola.abril.br/edicoes |
| • www.casa.sp.gov.br |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Jader Denicol do. *Jogos Cooperativos*. São Paulo: Phorte Editora, 2004.
- ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. *Construindo uma Auto-Estima da Criança Negra*. In: Superando o racismo na escola. Org. MUNANGA, Kabengele. Edições MEC/BID/Unesco: Brasília/DF, 2005.
- ANJOS, Rafael Sanzio A. dos. *A Geografia, a África e os negros brasileiros*. In: Superando o racismo na escola. Org. MUNANGA, Kabengele. Edições MEC/BID/Unesco: Brasília/DF, 2005.
- CENPEC – CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA - PEC
Coleção Educação e Cidadania. Imprensa Oficial: São Paulo, 2006.
- DIRETRIZES Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC, Brasília/DF, 2004.
- FOLDER da Campanha Projeto DST/AIDS do Grupo de Mulheres Negras Nzinga Mbandi e Fundo Ângela Borba.
- FOLDER da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e Ministério da Saúde.
- GOMES, Nilma L. *Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Edições MEC/BID/Unesco: Brasília/DF, 2005.
- JUNQUEIRA, Rogério D. *Expectativa sobre a Inserção de Jovens Negros no Mercado de Trabalho: reflexões preliminares*. In: Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Edições MEC/BID/Unesco: Brasília/BF, 2006.
- PAULA, Benjamin X. de. *Juventude Negra, Educação e Mercado de Trabalho*. In: Relações de Trabalho na Sociedade Contemporânea, PAULA, Benjamim X. de, (org), CUNHA, Elisângela L. da., e PERES, Marcos A. de C. Franca/SP: Ribeirão Preto Gráfica e Editora, 2007.
- REVISTA PLANETA nº 1, Editora Três: São Paulo, 1996.
- SANT'ANA, Antônio Olímpio de. *História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e Seus Derivados*. In: Superando o racismo na escola. Org. MUNANGA, Kabengele. Edições MEC/BID/Unesco: Brasília/DF, 2005.
- SERRÃO, Margarida e BELEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a Ser e Conviver*. Fundação Odebrecht: Salvador/BA, 1999.
- SILVA, Maria J. Lopes da. *Artes e a Diversidade Étnico-Cultural na Escola Básica*. In: Superando o racismo na escola. Org. MUNANGA, Kabengele. Edições MEC/BID/Unesco: Brasília/DF, 2005.
- SILVA, Nelson F. Inocêncio da. *Africanidade e Religiosidade: uma possibilidade de abordagem sobre as sagradas matrizes africanas na escola*. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Edições MEC/BID/UNESCO: Brasília/DF, 2005.
- Sites: www.dofonodelogum.site.uol.com.br
www.hpg.com.br
www.revistaescola.abril.br/edicoes/0187
www.umbanda.org.br



FUNDAÇÃO CASA
CENTRO DE ATENDIMENTO
SOCIOEDUCATIVO AO ADOLESCENTE

SECRETARIA DA JUSTIÇA E
DA DEFESA DA CIDADANIA

